

Série *Pós-Graduação 1*

Organizadores

Marcelo Dias  
Francisca Costa

# Missiologia Intercultural:

Refletindo a realidade brasileira



1ª edição - 2016, Engenheiro Coelho, SP

**UNASPRESS**

Imprensa Universitária Adventista



**Centro Universitário Adventista de São Paulo**  
Fundado em 1915 — [www.unasp.edu.br](http://www.unasp.edu.br)

**Missão:** Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.

**Visão:** Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

**Administração da Entidade Mantenedora (IAE)**

*Diretor Presidente:* Domingos José de Souza  
*Diretor Administrativo:* Énio Álvares de Freitas  
*Diretor Secretária:* Emmanuel Oliveira Guimarães

**Administração Geral do Unasp**

*Reitor:* Euler Pereira Bahia  
*Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:* Tânia Denise Kuntze  
*Pró-Reitora de Graduação:* Sílvia Cristina de Oliveira Quadros  
*Pró-Reitor Administrativo:* Énio Álvares de Freitas  
*Pró-Reitor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional:* Martin Kuhn  
*Secretário Geral:* Marcelo Franca Alves

**Campus Engenheiro Coelho**

*Diretor Geral:* José Paulo Martini  
*Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:* Francisca Pinheiro S. Costa  
*Diretor de Graduação:* Afonso Ligório Cardoso

**Campus São Paulo**

*Diretor Geral:* Douglas Jefferson Menslin  
*Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:* Marcos Natal de Souza Costa  
*Diretor de Graduação:* Ilson Tercio Caetano

**Campus Virtual**

*Diretor Geral:* Valcenir do Vale Costa  
*Gerente Acadêmica:* Andressa Jackeline Oliveira M. e Paiva

**Faculdade de Teologia**

*Diretor:* Emilson dos Reis  
*Coordenador de Pós-Graduação:* Ozeas Caldas Moura  
*Coordenador de Graduação:* Reinaldo Wesceslau Siqueira

**Faculdade Adventista de Hortolândia**

*Diretor:* Euler Pereira Bahia  
*Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:* Tânia Denise Kuntze  
*Diretora de Graduação:* Sílvia Cristina de Oliveira Quadros  
*Diretor Administrativo:* Énio Álvares de Freitas  
*Diretor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional:* Martin Kuhn  
*Secretário Geral:* Marcelo Franca Alves

**Campus Hortolândia**

*Diretor Geral:* Laureci Bueno do Canto  
*Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:* Eli Andrade Rocha Prates  
*Diretora de Graduação:* Elna Pereira Nascimento Cres



Imprensa Universitária Adventista

**Editor:** Rodrigo Follis

**Editor Associado:** Felipe Carmo

**Conselho Editorial:** José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Adolfo Suárez, Emilson dos Reis, Rodrigo Follis, Ozéas C. Moura, Betania Lopes, Martin Kuhn

A Unaspres está sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

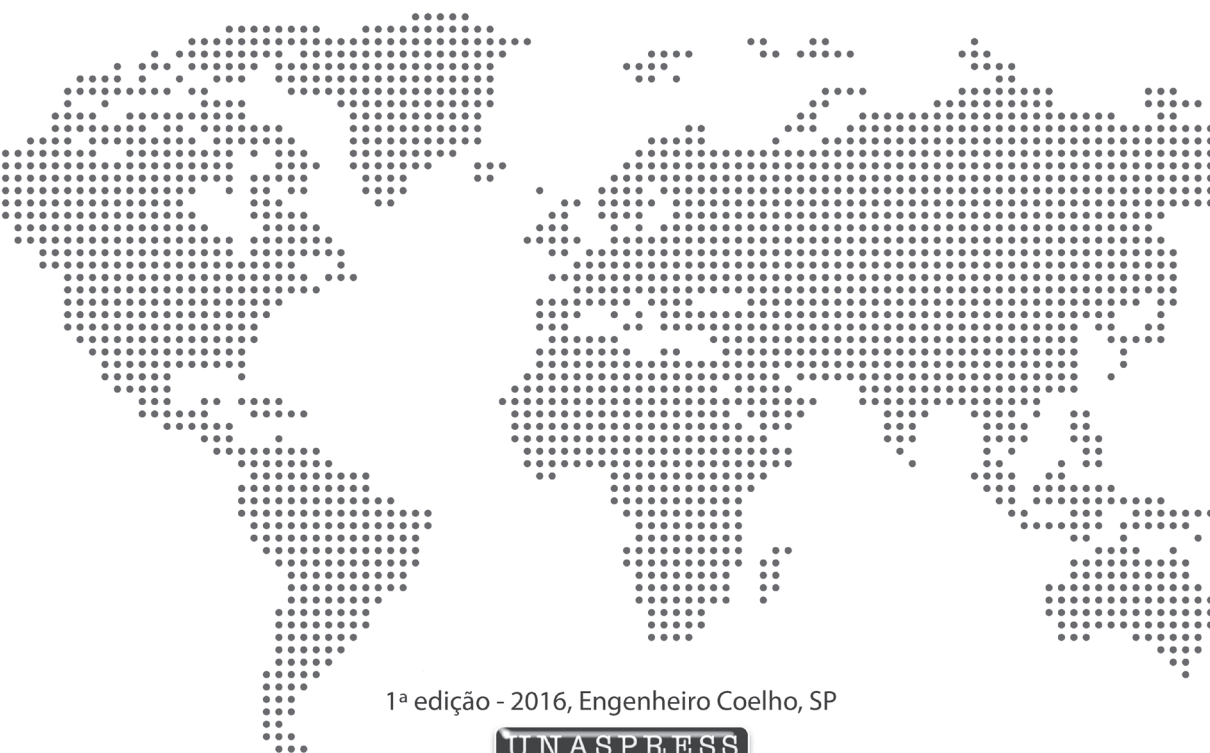
Série *Pós-Graduação 1*

Organizadores

Marcelo Dias  
Francisca Costa

# Missiologia Intercultural:

Refletindo a realidade brasileira



1ª edição - 2016, Engenheiro Coelho, SP

**UNASPRESS**

Imprensa Universitária Adventista

**UNASPRESS**

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 - Unasp  
Engenheiro Coelho-SP 13.165-000  
(19) 3858-9055

<http://unaspress.unasp.edu.br>

Editoração: Rodrigo Follis, Felipe Carmo  
Revisão: Thiago Basílio  
Normatização: Giulia Pradela  
Programação Visual: Fábio Roberto  
Capa: Márcio Trindade

Missiologia em foco

1ª edição - 2016

E-book (pdf)

*Todos os direitos reservados para a Unasp Press. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.*

Todo o texto, incluindo as citações, foi adaptado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

### Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Missiologia intercultural: refletindo a realidade brasileira / Marcelo Dias, Francisca Costa (org.). — 1. ed. — Engenheiro Coelho, SP : Unasp Press - Imprensa Universitária Adventista, 2016.

ISBN: 978-85-8463-037-0

1. Brasil - Condições sociais 2. Crises 3. Cristianismo 4. Igreja e problemas sociais 5. Mudança social 6. Teologia social

14-03772

CDD-261

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia social 261

Editora associada:

 Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# SUMÁRIO

- 7      **A MISSIOLOGIA DO  
SÉCULO 21 PASSA PELO BRASIL**  
Marcelo Dias
- 11     **A INTELIGÊNCIA CULTURAL  
E A MISSIOLOGIA BRASILEIRA**  
Renan Simionato, Marcelo Dias, Francisca Costa
- 21     **O PERIGO DO SINCRETISMO  
RELIGIOSO NA MISSÃO**  
Mário Souza, Marcelo Dias, Francisca Costa
- 35     **CHOQUE CULTURAL E O MISSIONÁRIO  
ADVENTISTA BRASILEIRO**  
Gustavo Portes, Marcelo Dias, Francisca Costa
- 55     **ETNOCENTRISMO E SUAS IMPLICAÇÕES  
PARA O MISSIONÁRIO BRASILEIRO**  
Ronan Carmo, Marcelo Dias, Francisca Costa

- 69 O JEITINHO BRASILEIRO  
E O MISSIONÁRIO TRANSCULTURAL  
Eduardo Dutra, Marcelo Dias, Francisca Costa
- 79 A LÍNGUA MATERNA E O  
CUMPRIMENTO DA MISSÃO EVANGÉLICA  
Valdecir Tillvitz, Marcelo Dias, Vandeni Kunz
- 89 O CAMPUS UNIVERSITÁRIO  
COMO CONTEXTO MISSIONÁRIO  
Gabriel Servi, Marcelo Dias, Francisca Costa
- 107 A TECNOLOGIA DIGITAL E A MISSÃO  
ADVENTISTA: UM ESTUDO DE CASO  
José Flores, Marcelo Dias, Francisca Costa
- 121 ESTRATÉGIA PARA MISSÃO  
ATRAVÉS DE ESCOLA DE FUTEBOL  
Wellington Nascimento, Marcelo Dias, Vandeni Kunz
- 133 MISSIONÁRIOS PARA O MUNDO:  
O BRASIL E O ENVIO DE MISSIONÁRIOS  
Wendel Lima, Marcelo Dias, Vandeni Kunz

# A MISSIOLOGIA DO SÉCULO 21 PASSA PELO BRASIL

Visto que o centro gravitacional do cristianismo se moveu para o hemisfério sul, surgiu, com esse fenômeno, a responsabilidade pelo cumprimento da comissão evangélica. Os cristãos desses países, que costumavam receber missionários até recentemente, são chamados e motivados a cruzar suas fronteiras culturais e abraçar aqueles que não conhecerem Cristo Jesus e o plano divino de salvação.

As várias estatísticas que descrevem esse desafio apresentam mais de 2 bilhões de pessoas que nunca ouviram sobre Jesus Cristo, 70% de população que vive em contextos urbanos, 700 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza e 244 milhões de migrantes internacionais. Apesar do aumento da perseguição aos cristãos no mundo (aproximadamente 100 milhões perseguidos), em parte, a esperança está depositada sobre os 400 mil missionários cristãos interculturais.

No Brasil, o despertar missionário alcança o movimento adventista. Nos últimos anos, o sonho de ser missionário intercultural foi incrementado com as oportunidades oferecidas pela Divisão Sul-Americana (DSA). Além das

necessidades locais de evangelização, promovem-se o Serviço Voluntário Adventista (*Adventist Volunteers Service*) e as viagens missionárias de curta duração organizadas pelo Núcleo de Missões do Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho (Unasp-EC).

O engajamento responsável na missão implica em uma reflexão acerca de seu estilo de vida. Esse fator demanda mais pesquisas, publicações e cursos. A cadeia de consequências é imensa e inclui: estudos em missão 1) que reflitam a interdisciplinaridade necessária para uma teologia aplicada; 2) que reforcem cada vez mais as raízes bíblicas da missiologia; 3) que abordem lições históricas sobre a transmissão do evangelho; 4) que sejam sensíveis às diversas realidades das pessoas que são alvos da transformação do evangelho; e 5) que proponham estratégias eficazes para o testemunho a respeito do amor de Deus.

Os artigos acadêmicos que compõem este volume se destacam pelo pioneirismo das reflexões sobre a situação brasileira e a missão adventista intercultural. Pela primeira vez, as experiências e estratégias brasileiras são analisadas, além de apresentadas as implicações das características próprias dessa cultura para a missão intercultural (por exemplo, o “jeitinho brasileiro”).

A missiologia do século 21 passa pelo Brasil. Visto que a missiologia adventista brasileira dá seus primeiros passos, nosso

desejo é que esta obra represente positivamente o resultado do esforço da primeira dentre várias turmas de estudos de pós-graduação em missiologia no Unasp-EC. Além disso, desejamos que o presente volume represente um avanço nesse processo de desenvolvimento. Estes artigos cumprirão seu propósito se estimularem um engajamento missionário mais significativo.

*Marcelo Dias*  
*Coordenador da Pós em Missiologia*



# A INTELIGÊNCIA CULTURAL E A MISSIOLOGIA BRASILEIRA

Renan Simionato<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Francisca Costa<sup>3</sup>

Estamos observando um crescente interesse por parte dos brasileiros em ações missionárias, sobretudo, no que diz respeito à missão transcultural. Esse momento importante abre as portas para a oportunidade de refletirmos sobre a missão e sua complexidade de uma forma ainda não experimentada em nosso meio.

Fomos convocados como testemunhas de nosso Mestre ao redor do mundo. Esse convite traz consigo uma série de desafios e implicações, porém, talvez nenhuma tão difícil quanto aquela que trata a relação do evangelho com a cultura. Todo missionário transcultural sofrerá as consequências de um choque

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de Missiologia na pós-graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Diretora de Pós-graduação, pesquisa e extensão no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

cultural quando começar a desenvolver suas ações no país de missão. Para muitos, somente nesse momento o tamanho do desafio é percebido antes mesmo de conseguir comunicar a mensagem do evangelho de forma eficaz aos seus ouvintes.

Essa situação é mais comum do que imaginamos, e não está restrita aos brasileiros em missão. O fato é que carregamos em algum lugar do nosso subconsciente a ideia de que a nossa cultura é a única existente e que as pessoas são diferentes umas das outras. Esse pensamento se altera quando passamos a viver em outras realidades.

12

No entanto, essa não é a única surpresa do missionário ao se deparar com outra cultura. Naturalmente, em algum momento ele vai começar a enxergar seus próprios costumes de uma forma inédita e aos poucos vai compreender inúmeros aspectos nunca percebidos anteriormente. Além disso, ele vai se dar conta de toda a carga cultural brasileira que carrega consigo e de todos os aspectos dela que afetam diretamente o seu modo de se relacionar com os outros e, com efeito, a comunicação de sua mensagem.

## ANTES DE VIAJAR

O campo missionário oferece desafios significativos à comunicação do evangelho. Enquanto nos encantamos com os

benefícios do progresso da tecnologia, é possível esquecer que as principais barreiras para o cumprimento da missão são culturais e não físicas.

Antes de partir para o estrangeiro pela primeira vez, os missionários tendem a pensar principalmente na grande distância que terão de viajar para chegar ao campo de trabalho. Em geral, significa viajar milhares de quilômetros, mas quando chegam ao campo, começam a perceber que, na era moderna, viajar grandes distâncias não significa nada. O grande problema a ser enfrentado são os últimos 40 centímetros (a distância que separa a cabeça do coração). Que choque! [...] Pergunte aos missionários mais experimentados sobre suas expectativas frustrantes no campo, e a maioria deles falará de seus problemas de comunicação (HESSELGRAVE, 2009, p. 402).

13

Os missionários precisam se preparar para esse tipo de frustração. Para tanto, precisamos entender que, da perspectiva da comunicação transcultural, segundo Hesselgrave (2009), pode-se observar a existência de três elementos: a cultura do missionário, a “cultura bíblica” e a cultura respondente (ou a “cultura-alvo”).

Diante dessa realidade, vemos que a função do missionário não é nada simples. Por ser um comunicador, ele precisa permanecer no meio do caminho enquanto dialoga com os dois lados. Em outras palavras, 1) o missionário precisa examinar as Escrituras (“cultura bíblica”), se possível na língua original, e fazer a devida exegese de sua mensagem; 2) deve

comunicar o evangelho com cuidado para não projetar sua formação cultural nesse processo (cultura do missionário); e 3) despertar fontes eficazes dentro da cultura-alvo (cultura respondente) para que os ouvintes entendam da melhor maneira possível a mensagem original.

14

A partir da análise de relatos de dez missionários brasileiros que estiveram em média um ano na missão transcultural nos últimos cinco anos, verificamos que a tensão dentro dessa dinâmica ocorre com frequência e que, segundo eles, algumas medidas deveriam ser tomadas. Eles declaram que um treinamento adequado é indispensável e que precisamos conferir mais atenção a isso antes de partir à missão (cursos, leituras, troca de experiências, conhecimento prático, contato com o campo local, planejamento definido etc.). Eles também reconhecem de forma unânime que é preciso mais conscientização a respeito das dificuldades culturais no campo missionário, sobretudo em dois sentidos: 1) no que diz respeito à cultura respondente, enfatizando a importância de um estudo prévio mais amplo da cultura para a qual se está indo (língua, costumes, legislação básica, alimentação, necessidades locais etc.); e 2) quanto ao conhecimento da cultura do próprio missionário, destacando os problemas decorrentes de um autoconhecimento cultural restrito que se revela

fora de seu contexto, e que produz influências inconscientes na comunicação missionária.

Sobre o conhecimento da cultura respondente, o missionário A afirma que o choque é impactante, e observa que uma visita ao local antes do embarque definitivo seria fundamental, tanto quanto a conversa com outras pessoas que já moraram no local. O missionário B acrescenta que em várias ocasiões pensou em regressar por ser incapaz de se adaptar. Assim, após sua experiência, antes de embarcar, o mesmo recomenda um curso especializado de no mínimo um ano sobre a cultura respondente a fim de minimizar o choque e entender melhor as necessidades específicas das pessoas a serem alcançadas. O missionário C garante que orientações básicas sobre a cultura respondente são ineficientes e prejudicam o início dos trabalhos. O missionário D comenta que não iria novamente ao campo sem aprender previamente a língua local, uma vez que isso retarda em muito a frutificação do trabalho.

Sobre o autoconhecimento cultural, o missionário A reconhece que possuía uma visão limitada sobre sua própria cultura e que passou a ter uma nova visão a respeito dela. O missionário B declara que sua compreensão sobre a cultura brasileira era superficial e percebeu a sua importância para auxiliar o missionário a formular novas abordagens evangelísticas. O

missionário C alega que, após sua experiência missionária, entendeu que vivia preso a uma bolha; quando questionado sobre determinados hábitos e costumes, não sabia explicar o porquê de agir de tal maneira, ele agia simplesmente porque em sua cultura — no Brasil - era comum. O missionário D afirma que uma sensibilidade aguçada da sua própria cultura confere uma vantagem em relação à convivência com as pessoas e com as características do novo lugar, e que essa sensibilidade cultural é muito importante para uma vida transcultural de sucesso.

16

A partir dos pontos destacados pelos missionários, com o fim de contribuir com a maneira brasileira de fazer missão, precisamos perceber que a preparação adequada de um missionário deve proporcionar o desenvolvimento de uma habilidade específica que lhe dê condições para lidar com essas complexidades. A isso chamamos “inteligência cultural”. Christopher Early e Soon Ang (2003, p. 9) definem inteligência cultural como a capacidade de uma pessoa para adaptações bem-sucedidas em novas configurações culturais, ou seja, para configurações não familiares que são atribuídas ao contexto cultural. Os autores enfatizam que o fator principal para o treinamento da inteligência cultural é o desenvolvimento metacognitivo efetivo de conscientização das diferenças básicas entre a cultura de origem e a cultura respondente.

Dessa forma, a incapacidade de enxergar a própria aculturação é um dos obstáculos que pode passar despercebido em um primeiro momento, mas que pode impactar profundamente a proclamação do evangelho.

Em primeiro lugar, a inteligência cultural requer um profundo entendimento da nossa própria cultura e de como ela nos molda. Uma das maiores barreiras à contextualização eficaz é a invisibilidade das nossas próprias pressuposições culturais. Muitas vezes essa cegueira nos leva a menosprezar outras culturas, particularmente quando em contato com culturas que não nos são totalmente estranhas (KELLER, 2014, p. 146).

Nesse sentido, Paul G. Hiebert (2010, p. 94) afirma que todos aprendemos a ver nossa própria cultura pelo lado de dentro. Crescemos nela e a consideramos como a única maneira correta de ver a realidade. A antropologia chama essa perspectiva de visão “endêmica” de cultura. Essa limitação de compreensão faz com que nos relacionemos com a própria cultura da mesma forma que um peixe responde quando lhe perguntam sobre a água: “Água? O que é isso?”. Se você nunca saiu da água, não sabe que está *dentro dela*.

A maneira mais eficaz de abrir os olhos para a nossa cultura é quando saímos dela e passamos a contemplar um contexto diferente daquele que estamos habituados. Isso é afirmado com frequência pelos missionários que se declaram capazes de perceber a

própria cultura com mais clareza quando retornam de um outro ambiente. Essa nova leitura é proporcionada pelo afastamento da cultura de origem. Quando voltamos para casa, a vemos com novos olhos (HIEBERT, 2010, p. 112).

A síntese, de acordo com Keller (2014, p. 117), é que a falta de consciência cultural produz uma vida e um ministério cristão distorcidos. O risco está em tomarmos aspectos da cultura brasileira arraigados em nós e o integrarmos à mensagem do evangelho.

## 18

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo do século 21 é extremamente globalizado e nos coloca diariamente diante de pessoas de diversas culturas. Essa nova realidade nos convida a refletir sobre as diferenças culturais de forma distinta, sobretudo no Brasil. De fato, essa dinâmica pode contribuir em muito, se bem explorada, para um desenvolvimento mais amplo de nossos agentes transculturais. Como vimos, o campo missionário reserva desafios que exigem uma reformulação em nossos modelos de treinamentos. Os relatos dos missionários apontam para uma preparação que abranja um período maior de estudo da cultura respondente, a fim de diminuir o

choque cultural e o tempo infrutífero de adaptação. Sugerimos uma viagem de inspeção prévia como requisito fundamental ao período de treinamento. Tal medida ajudará a despertar no agente o senso de aculturação vital para sua preparação.

## REFERÊNCIAS

EARLEY, P. C.; SOON, A. **Cultural intelligence**: individual interactions across cultures. Califórnia: Stanford Business Book, 2003

HIEBERT, P. G. **O evangelho e a diversidade das culturas**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HESSELGRAVE, D. J. **O papel da cultura na comunicação**. In: WINTER, R. D.; HAWTHORNE, S. C.; BRADFORD, K. D. Perspectives on the world christian movement: a reader. São Paulo: Vida Nova, 2009.

KELLER, T. **Igreja Centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.



# O PERIGO DO SINCRETISMO RELIGIOSO NA MISSÃO

Mário Souza<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Francisca Costa<sup>3</sup>

A colonização do Brasil introduziu um panorama de sincretismo religioso. Ainda hoje a sociedade brasileira é caracterizada por ele. Esse sincretismo não se limita às religiões afro ou à Igreja Católica, mas há indicadores de que igrejas evangélicas também aderiram a essas práticas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), em particular, busca combater práticas sincretistas, como resultado de sua ênfase na restauração da verdade bíblica e na prática genuína delas característica do remanescente bíblico.

Além disso, diferentemente daqueles que consideram o sincretismo como positivo, alguns missiólogos, inclusive

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de Missiologia na pós-graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Diretora de Pós-graduação, pesquisa e extensão.

adventistas, consideram esse cenário desfavorável. Isso exige maior preocupação com o estudo das culturas e a transmissão da fé. Portanto, essa discussão é relevante para missionários adventistas de origem brasileira.

## CONTEXTUALIZAÇÃO SIM, SINCRETISMO NÃO

22

O “sincretismo religioso” é um processo no qual doutrinas de uma determinada religião são assimilados por outra, tendo como resultado uma mudança nas orientações doutrinárias. Ele representa a união entre duas ou mais crenças diferentes, de maneira que a forma sintetizada se torna algo novo.

No Brasil, a prática do sincretismo é muito comum. Tudo começou a partir do descobrimento do país, com a chegada dos portugueses que encontraram os povos indígenas nativos da terra e, mais tarde, os escravos trazidos da África. Desde o começo, esse encontro de culturas foi marcado pela obrigatoriedade da cultura católica europeia sobre os povos que aqui se encontram, bem como os povos africanos que foram trazidos para o Brasil. Isso era sentido na obrigação imposta pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Durante a colonização do Brasil, o índio e o negro tornaram-se cristãos católicos, mesmo depois de livres. No Brasil, eles fingiam

ser católicos e se comportavam como cristão, participando dos ritos da igreja, ao mesmo tempo que continuavam a viver e praticar seus rituais, adorando aos seus deuses.

Para deixar a religião católica mais acessível aos nativos, os missionários jesuítas associaram alguns dos seus santos aos deuses indígenas. Isso gerou a primeira religião sincrética no território brasileiro: a união entre o animismo indígena e a fé católica.

Os jesuítas na maioria dos casos transformaram os deuses da floresta em demônios. Exemplo disso foi o Iurupari, que teve sua imagem totalmente distorcida e acabou se transformando o próprio diabo, apesar de sua história lembrar Jesus (DIAS, 2010, p. 9).

No mesmo período, iniciou-se o trabalho de aculturação na região amazônica. A partir daí, deu-se início ao processo de sincretismo entre a religião indígena e o catolicismo, surgindo uma seita sincrética conhecida como “Pajelança”.

Embora a pajelança seja usada para qualquer ritual indígena ela é uma religião sincrética de caráter mágico-curativo que existe até hoje nos estados do Pará e do Amazonas. Nos rituais são usados trajes nativos, cantos e danças, a fumaça da queima do tabaco, bebidas fermentadas, e em algumas pajelanças há devoção aos santos católicos (DIAS, 2010, p. 9).

No século 15, começaram a chegar ao Brasil escravos trazidos da África. Assim que chegavam, eram submetidos à aculturação

européia, especialmente pelos ensinamentos católicos. Eles também eram batizados e recebiam nomes cristãos. Contudo, os grupos indígenas e os escravos africanos tentavam preservar a cultura e religião de seus deuses associando-os aos santos católicos. Durante o período de escravidão no Brasil, houve muitas fugas de escravos que só conseguiam lugar nas aldeias indígenas. Ao dar abrigo aos escravos, as aldeias eram influenciadas pela religião e cultura deles.

No século XVII no Nordeste uma parcela da religiosidade dos escravos se misturou com o sincretismo indígena católico surgindo a religião sincrética, o Catimbó, também chamada de Culto à Jurema, que persiste até os dias atuais no nordeste brasileiro (DIAS, 2010, p. 9).

24

No início do século 20, surge a umbanda, um culto sincrético que contém elementos de várias crenças:

Já no começo do século XX alguns anos depois da abolição da escravatura no Brasil, deu-se início no Rio de Janeiro o culto afro-brasileiro a umbanda. Ela é uma mistura do candomblé, do catolicismo e do espiritismo é o culto mais brasileiro, mais simples e o seu idioma é o português e não dialetos africanos. Isso facilitou o crescimento do culto sincrético da umbanda (DIAS, 2010, p. 9).

Na sociedade atual, o sincretismo é evidente em muitos lugares como nas regiões Sul e Nordeste do Brasil. Na Bahia há várias festas populares desse tipo; a mais conhecida entre elas é a Festa do Bonfim, a mais respeitada e sagrada. Ela acontece

na segunda quinta-feira depois do primeiro domingo, quando é feita a lavagem do Bonfim. Aproximadamente 200 “baianas” vestidas com roupas típicas derramam água de cheiro e lavam a escadaria com sons de atabaques, palmas e cânticos afro para o Senhor do Bonfim. As fitas do Senhor do Bonfim são disputadas por todos e amarradas no braço com três nós; cada nó é um pedido que será realizado quando a fita cair.

No sul do país, temos festa em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, que é comemorada no mês de fevereiro. Esta é uma festa cheia de sincretismo entre a Nossa Senhora dos Navegantes e o orixá Iemanjá. Em alguns momentos, as festas em homenagem às duas se fundem. No Brasil, tanto a Nossa Senhora dos Navegantes como Iemanjá têm a sua festa no dia 2 de fevereiro. Costuma-se comemorar o dia que lhe é dedicado com uma procissão fluvial.

Uma das maiores festas ocorre em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, devido ao sincretismo com Nossa Senhora dos Navegantes. No mesmo estado, em Pelotas, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes vai até o Porto de Pelotas. Antes do encerramento da festividade católica acontece um dos momentos mais marcantes da festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas, que em 2008 chegou a 77<sup>a</sup> edição. As embarcações param e são recepcionadas por umbandistas que carregam a imagem de Iemanjá, proporcionando um encontro ecumênico sincrético assistido da orla por várias pessoas.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1QEWULD>>. Acesso: 17 mar. 2016.

No Rio de Janeiro, Iemanjá é festejada no dia 31 de dezembro, junto à passagem de ano, onde os devotos e simpatizantes oferecem oferendas: velas, espelhos, pentes, perfumes e flores, na esperança de que ela leve embora todas as aflições e traga bênçãos. “Iemanjá no sincretismo se relaciona à Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora das Candeias e a Virgem Maria”<sup>5</sup>.

Entretanto, o sincretismo religioso não está presente apenas no catolicismo, ou nas religiões afro-brasileiras. Infelizmente ele se faz presente também no meio evangélico, especialmente nas igrejas pentecostais e neopentecostais. Apesar da Bíblia condenar as práticas sincréticas, as igrejas evangélicas ignoram tal aviso.

26

O Catolicismo no Brasil, por sua vez influenciado pelas religiões afro-brasileiras, semeou misticismo e superstição durante séculos na alma brasileira: milagres de santos, uso de relíquias, aparições de Cristo e de Maria, objetos unguídos e santificados, água benta, entre outros. Hoje, há um crescimento espantoso, entre setores evangélicos, uso de copo d’água, rosa unguída, sal grosso, pulseiras abençoadas, pentes santos do kit de beleza da rainha Ester, peças de roupa de entes queridos, oração no monte, no vale, óleos de oliveiras de Jerusalém, água do Jordão, sal do Vale do sal, trombetas de Gideão (distribuídas em profusão), o cajado de Moises [...] é infundável e sem limites a imaginação dos líderes e a credulidade do povo. Esse fenômeno só pode ser explicado, ao meu ver, por

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1pX0Bga>>. Acesso: 17 mar. 2016.

um gosto intrínseco pelo misticismo impresso na alma católica dos evangélicos (LOPES, 2008, p. 28).

Há ainda as filosofias não cristãs como o existencialismo e o marxismo que influenciam a igreja, fazendo-a a renunciar ao verdadeiro evangelho. Além disso, existem algumas igrejas onde o púlpito é uma prancha de surf e a nave uma pista de skate (igreja Bola de Neve), ou mesmo um octógono para eventos de lutas de MMA e show de rock White Metal (Igreja Renascer em Cristo). Isso é realizado para acomodar um etilo de vida secular e ao mesmo tempo evangélico. A IURD adapta o evangelho ao estilo consumista e místico de seus membros.

As igrejas evangélicas desejam novos adeptos e pretendem aumentar sua influência na sociedade sem levar em conta a importância do verdadeiro evangelho. Em nome desse crescimento numérico, eles comprometem as verdades bíblicas com a mistura do sagrado com o profano, fazendo uma má contextualização da palavra de Deus.

A IURD tem o desejo de crescer e tornar-se uma igreja relevante na sociedade. Para isso, realiza vários tipos de ações sociais, além de congressos, evangelismos, shows musicais, encontros etc. Entre essas tentativas, contudo, de alguma forma, as práticas sincréticas não estariam presentes nas congregações adventistas?

A IASD surgiu como um movimento profético para pregar a volta de Cristo e restaurar as verdades bíblicas para os últimos dias, convidando homens e mulheres a voltarem para as Escrituras Sagradas como sua única regra de fé e prática. Por isso, a IASD não compactua com os pensamentos de que o sincretismo seja algo benéfico que conduza ao ecumenismo e ajude no enriquecimento a religião, como escreve o Frei Leonardo Boff:

O futuro religioso do Brasil não será, provavelmente, o seu passado católico. Será possivelmente a criação sincrética original de uma nova espiritualidade ecumênica que conviverá com as diferenças (a tradição evangélica em ascensão, o pentecostalismo, o kardecismo e outras religiões orientais) mas na unidade da mesma percepção do Divino e do Sagrado que impregna o cosmo, a história humana e a vida de cada pessoa.<sup>6</sup>

28

Para os adventistas, acrescentar algo ao evangelho é, na verdade, retirar algo dele e empobrecer a sua mensagem. A IASD discorda do sincretismo com base em textos bíblicos como 1 Samuel 5, Deuteronômio 4:2, 1 Reis 16:29-34, Atos 14, Colossenses 2:8 entre outros. Para os adventistas, são orientações claras contra o sincretismo religioso; as práticas sincréticas trazem confusão e afastam as pessoas da verdade, tornando-as maleáveis, sem convicção doutrinária e fé na verdade. Como o

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1TA9AWN>>. Acesso: 17 mar. 2016.

remanescente fiel, a IASD deve proclamar as verdades bíblicas e combater qualquer tipo de sincretismo religioso, mostrando que a Palavra de Deus é imutável.

O sincretismo religioso é um desafio para os missionários adventistas, pois a maioria das pessoas evangelizadas já apresentam um certo grau de sincretismo, especialmente no norte e nordeste brasileiro, além dos centros urbanos, onde o catolicismo popular é influenciado pelas religiões afro-brasileiras ou pelas igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, com rituais espíritas e credences populares. Por ser conhecedor desse fato, o missionário deve procurar conhecer a cultura local, os costumes e as religiões. Com isso, ele poderá alcançar as pessoas com mais facilidade e proclamar as verdades bíblicas. Se não agir dessa forma, criará apenas um novo sincretismo.

Conhecer a cultura do lugar e estudá-la é fundamental no processo de evangelização. O missionário deve ter em mente as culturas que estarão presentes na pregação evangelística: a do ouvinte, a da Bíblia e a sua. Ao compreender isso, ele irá apresentar o evangelho de forma diferente para cada tipo de auditório que encontrar, sejam eles católicos, espíritas, pentecostais, mulçumanos, pós-modernos ou ateus. A forma de apresentar as verdades bíblicas pode variar, mas isso não muda o seu conteúdo, o conteúdo sempre será o mesmo.

A verdadeira missiologia dialoga com a cultura, sendo assim, o missionário sabe que toda a cultura é manchada pelo pecado, e nem tudo que nela pode ser aceito. O importante é saber contextualizar a mensagem usando a cultura como ponte e, ao mesmo tempo, rejeitar tudo aquilo que na cultura se opõem à mensagem bíblica.

30

Atualmente, tanto na missiologia transcultural quanto na urbana, a contextualização é necessária para levar a palavra de Deus, pois vivemos em um país multicultural. Contextualizar é apresentar a mensagem bíblica levando em conta a realidade das pessoas, de modo que elas entendam as Escrituras de forma clara. A Bíblia nos traz um exemplo de contextualização em Atos 17. Ele faz o seu discurso em Atenas, cercado por intelectuais, e apresenta um sermão onde cita filósofos gregos, mostrando conhecimento do que ele estava falando. Dessa forma, o apóstolo levou os ouvintes à mensagem de Cristo. Muitos rejeitaram essa mensagem, mas alguns dos presentes aceitaram a Cristo. Paulo soube usar a cultura em favor do evangelho ao fazer a ponte entre a cultura e a pregação da verdade.

A contextualização do evangelho é importante na proclamação bíblica para aqueles que ouvirão a mensagem para que entendam melhor o que a Bíblia quer ensinar; o receptor compreende que o evangelho é para o momento atual e é relevante

para sua vida. A própria igreja precisa se contextualizar, do contrário, ela se tornará totalmente irrelevante na comunidade onde ela está inserida. Sua mensagem não será compreendida, lembrando que a igreja é uma mistura de povos, etnias e tribos vivendo em torno de uma única verdade que é a Cristo Jesus.

Ao fazer a contextualização correta, o missionário adventista entende que a mensagem de Cristo não absorve a cultura, mas a transforma ao passo que rejeita tudo o que contraria as verdades bíblicas. Quando isso não é compreendido claramente pode ocorrer abertura para o sincretismo religioso. O próprio Jesus foi um missionário que se contextualizou entre os judeus, sendo Ele mesmo um judeu. Isso, contudo, não o impediu de rejeitar as tradições e culturais dos líderes religiosos de sua época. Ele veio para transformar a cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pregar as verdades bíblicas, o missionário precisa enfrentar grandes desafios como o pluralismo cultural e o sincretismo religioso, que é cada vez maior no Brasil, desde o seu descobrimento até os dias de hoje. Em qualquer lugar em que o missionário pretende proclamar o evangelho precisa estar consciente do

panorama religioso que o aguarda. Esse conhecimento é de extrema importância para o sucesso ou o fracasso na missão. Com isso em mente, ele irá ter mais facilidade ao comunicar o evangelho e identificar a cultura e os costumes com o desejo de servir com humildade e amor, conforme ensinado por Cristo. Esse sentimento irá facilitar a evangelização. Por isso, é importante que o missionário estude e conheça as religiões e os costumes locais.

32

É necessário que o missionário faça também um autoexame de suas práticas religiosas. Ele precisa estar consciente do seu chamado como missionário, quer seja urbano ou transcultural, e ter o preparo espiritual com oração, estudo da palavra de Deus e jejum. Além disso, algo de grande relevância para o missionário é o preparo intelectual (teológico e missiológico). Esse será de grande ajuda para contextualizar o evangelho. Muitos missionários têm retornado dos campos de trabalho frustrados por não alcançarem o seu objetivo. Isso ocorreu por falta de um melhor preparo, especialmente o missiológico.

Se o missionário não faz o uso da contextualização e não compreende a importância dela na pregação do evangelho, irá obter resultados ruins, o que inclui o próprio sincretismo religioso:

Olhando as frentes missionárias despreocupadas com a contextualização encontramos, abundantemente, templos de cimento para culturas de barro, piano de cauda para povos de tambores, terno e gravata para

túnica e turbante, sermões lineares para pensamentos cíclicos, sapatos engraxados para pés descalços. Tão ocupados em expor nossa cultura nos esquecemos de apresentar-lhes Jesus, Deus encarnado totalmente contextualizado, luz do mundo (LIDORIO, 2011, p. 31).

A Bíblia mostra vários exemplos de um Deus perfeito contextualizando-se para trabalhar com seres humanos. Ele se dispõe a operar por meio deles para salvar a todos. A encarnação de Cristo é, sem dúvida, o maior exemplo de contextualização para salvar o ser humano; Cristo tornou-se um exemplo para todos os que receberam o chamado para serem missionários.

## REFERÊNCIA

DIAS, R. H. G. **Sincretismo religioso brasileiro**. Rio de Janeiro: edição do autor, 2010.

AUGUSTO, N. **O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro**. São Paulo: ed. Mundo Cristão, 2014.

SPROUL, R. C. **Verdades essenciais da fé cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

BURNS, H. B. **Contextualização missionária: desafio, questões e diretrizes**. São Paulo: Vida Nova, 2011.



# CHOQUE CULTURAL E O MISSIONÁRIO ADVENTISTA BRASILEIRO

Gustavo Portes<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Francisca Costa<sup>3</sup>

Após os anos de formação estrutural e teológica (1863-1910)<sup>4</sup>, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) preconizou a expansão missionária mundial, inicialmente a partir dos Estados Unidos (EUA) e posteriormente com países europeus e da Oceania. As décadas posteriores testemunharam os avanços da revolução científica e com este avanço a ampliação das possibilidades de locomoção e deslocamento de missionários ao redor

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de Missiologia na pós-graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Diretora de Pós-graduação, pesquisa e extensão.

<sup>4</sup> Considerando o desenvolvimento teológico basilar da Igreja Adventista do Sétimo Dia através do estudo e sistematização doutrinária empreendidos pelos pioneiros adventistas e o período de estruturação eclesial e organizacional até 1910, período em que A. G. Daniells propôs a departamentalização da igreja, sistema organizacional em vigor até o presente.

do mundo, permitindo que muitos países asiáticos, africanos e latino-americanos recebessem missionários e expandissem a presença adventista, chegando ao ponto de tornarem-se importantes núcleos do adventismo<sup>5</sup> (SEVENTH, 2014).

Durante a sua vida, Ellen G. White, cofundadora da denominação, estimulou os membros e líderes da igreja a enviar missionários não apenas dos países mais desenvolvidos, mas a partir de todas as nações onde a “verdade presente” havia chegado. Como indicou A. G. Daniells, presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia (1901-1922), o envio de missionários deveria ser “de todo lugar para todo lugar” (KNIGHT, 2000, p. 147).

36

A partir da segunda metade do século 20, muitos destes países que haviam recebido a mensagem do advento passaram a enviar seus missionários para regiões não alcançadas, dentro de seus próprios territórios e, mais recentemente, para outras regiões do mundo. Nesse contexto, a América Latina e sobretudo o Brasil têm sido indicados como potenciais “celeiros” de missionários transculturais<sup>6</sup> (LIMA, 2015). Entretanto, para o

---

<sup>5</sup> América do Sul e Central, Sudoeste Africano e o Sudeste Asiático têm sido indicados como núcleos da expansão adventista recente (ver SEVENTH, 2014, p. 3-4, 9-27).

<sup>6</sup> Estatísticas quinquenais indicam o forte potencial sul-americano no suprimento da demanda por lideranças adventistas qualificadas em cenários de baixa presença adventista. Número crescente de membros, receitas de dízimos e ofertas compatíveis, centros de for-

desenvolvimento da missão transcultural é fundamental que o missionário compreenda a língua e a cultura local antes de iniciar atividades de maior escala. Justamente nesse contexto ocorre o choque cultural, momento de contato, conflitos e adaptações às diferenças e semelhanças da cultura hospedeira. Este artigo discorrerá brevemente sobre o choque cultural e seus efeitos sobre os missionários brasileiros enviados para outros países, a partir de um estudo bibliográfico e experiências compartilhadas por eles.

## O MISSIONÁRIO BRASILEIRO

37

Como cita Borba (2009) em sua tese sobre a formação, consolidação e expansão de uma base missionária brasileira, a partir de 1970 missionários brasileiros passaram a ser enviados em maior escala para outros países. Desde 1903, alguns missionários brasileiros já haviam sido enviados, entretanto, apenas após a consolidação de uma estrutura adventista sólida e nativa no país, a participação de brasileiros foi ampliada

---

mação teológica e número elevado de egressos anuais com formação acadêmica em teologia podem ser pontuados como indicativos do potencial da região (ver SEVENTH, 2014).

progressivamente a níveis administrativos nacionais (1918), continentais (1950) e na igreja mundial (1960).<sup>7</sup> As décadas pós 1970 testemunharam a expansão do envio de missionários brasileiros para diversos continentes, sobretudo para países africanos lusófonos e igrejas lusófonas nos continentes norte-americano e europeu.

Outros fatores podem ser indicados em relação à expansão do envio de brasileiros ao exterior como missionários, especialmente a ampla liberdade religiosa, o crescente desenvolvimento econômico e a globalização. A confluência de fatores internos — alguns dos quais indicados acima — e externos à igreja têm propiciado um cenário favorável ao envio. Entre fatores externos, o contínuo posicionamento do Brasil no cenário geopolítico mundial como Estado Democrático de Direito pacífico e amistoso; a crescente competitividade da economia nacional no comércio exterior mundial — especialmente relacionada aos diversos acordos comerciais bilaterais ou multilaterais a que o Brasil tem sido signatário —; e o posicionamento do país como economia emergente<sup>8</sup> altamente competitiva no

---

<sup>7</sup> Em 1918, o primeiro pastor brasileiro é ordenado; 1950 os primeiros brasileiros são chamados a trabalhar na Divisão Sul-Americana e em 1960 os primeiros brasileiros são chamados para postos na Associação Geral da IASD (ver BORBA, 2009).

<sup>8</sup> Atualmente o Brasil é a 8º maior economia mundial, inferior apenas a Estados Unidos, China, Japão, Alemanha, Reino Unido, França e Índia (2015) (ver em [www.exame.com.br](http://www.exame.com.br)).

cenário global, contribuem para a construção de uma imagem cultural positiva para o Brasil e abrem portas para a entrada de brasileiros em muitos países, a despeito das diversas mazelas sociais que ainda existem por aqui. Até mesmo o futebol, indicado por Hobsbawn (2007, p. 93) como um símbolo do nacionalismo cultural brasileiro, é passível de ser pontuado como uma referência amistosa no imaginário global acerca do Brasil e dos brasileiros.<sup>9</sup> Atualmente, portadores de passaporte brasileiro possuem entrada em cerca de 146 países sem a necessidade de visto (BBC, 2015).

Ademais, as facilidades de comunicação a partir da língua inglesa, cada vez mais acessível e estudada no Brasil, utilizada como idioma comercial e turístico global, assim como a ampliação nos meios de comunicação, tecnologia e transporte, abrem portas para que esse envio seja crescente e contínuo.

Torna-se de fundamental importância reconhecer, entretanto, que a eficácia do envio de missionários e a própria mobilização neste processo não é resultado exclusivo dos fatores internos ou externos puramente humanos. Ao passo que tais

---

<sup>9</sup> Não raro, o Brasil é referenciado por estrangeiros em seus países de origem a partir da fama e popularidade do futebol nacional e, ainda mais, pelos jogadores brasileiros constantemente destacados no cenário esportivo mundial, sobretudo europeu. É comum aos países onde o futebol é venerado tal qual no Brasil, manterem uma imagem positiva e amistosa dos brasileiros por relacionar o brasileiro ao futebol.

fatores são importantes, a soberana liderança do Espírito Santo nas dinâmicas da missão constitui a segurança primordial e único fator de real eficácia na missão, em todos os seus múltiplos desdobramentos (Jo 16:3; At 1:8; 4:31; 8:29-40). A missão tem origem em Deus (Jo 3:16; Mt 28:18-20; Ap 14:6-12), portanto, é fundamental que tanto missionários quanto líderes nos diversos níveis da igreja no Brasil reconheçam e procurem atuar sob a liderança de Deus na missão.

40

A família humana global partilha diferentes tradições, costumes, valores e formas de organização social a que as ciências sociais denominam “cultura” (GEERTZ, 1989, p. 64). Desde os últimos dois séculos, o termo tem passado por diversos câmbios de perspectiva: desde a perspectiva colonialista do século 18 (LAPLATINE, 2003, p. 25), através da visão antropológica darwinista até o relativismo cultural contemporâneo (MAGNANI; TORRES, 1996, p. 17). Ellen G. White indica que

não existe nenhuma pessoa ou nação que seja perfeita em todos os hábitos e pensamentos. Uma precisa aprender com a outra. Portanto, Deus deseja que as diferentes nacionalidades se misturem umas às outras, a fim de serem unidas em julgamento e propósito. Então, a união que existe em Cristo será exemplificada (WHITE, 2010, p. 136).

Nenhuma cultura é perfeita, portanto, a mescla entre indivíduos de várias bases culturais deve atuar como fator unificador e mesmo reparador, sob o poder do evangelho. De fato, a introdução do pecado neste mundo (Gn 3:6-7) deformou o caráter do ser humano, além de privá-lo do relacionamento direto com Deus. Como consequência, a natureza humana tornou-se intrinsecamente egoísta e alienada dos planos de Deus. Após a confusão das línguas, descrita em Gênesis 11, a cultura humana diversificou-se ainda mais. Felizmente, Deus prometeu o envio do Messias, através do qual todos têm acesso Ele. Isso foi realizado através da encarnação, ministério terrestre, morte, ressurreição e ministério celestial de Jesus Cristo (1Tm 2:5; 2Co 5:18-19; Hb 9:15).

Nesse contexto, o deslocamento de indivíduos entre regiões próximas ou distantes evidencia as diferenças existentes entre as culturas. Esse contraste é conhecido como “choque cultural”, incluindo o momento de contato, conflito e adaptações à nova cultura. Como indica Doss (2011, p. 97-98), as principais fases de choque são: 1) entusiasmo inicial; 2) frustração; 3) recuperação; e 4) aceitação/conformação. Tal período pode variar para cada indivíduo, sendo que os principais efeitos podem ocorrer durante semanas, meses ou até mesmo anos, em muitos casos. O choque cultural é inevitável para o missionário transcultural, da mesma forma como para qualquer indivíduo

ao entrar em contato com outra cultura. As razões pelas quais ocorre são múltiplas: a principal delas encontra-se no fato de que a cultura determina — em grande medida — formas, valores e comportamentos expressos socialmente.

Dessa forma, padrões, valores e comportamentos que para a cultura do missionário são claramente óbvios e rigidamente estabelecidos podem ser opostos, ignorados ou até evitados pelas pessoas da região para a qual foi enviado. Isso ocorre porque a cultura local atua sob outra cosmovisão e, portanto, não percebe e reage da mesma forma e sob os mesmos valores em relação à cultura do missionário. Esse choque é muitas vezes dramático em sua fase de frustração, pois o que parecia fazer sentido em sua cultura passa a não ter sentido para as pessoas nativas com quem convive e a quem procura alcançar (DOSS, 2011, p. 111).

Como indica Kwast (1998, p. 387), a cosmovisão é o centro em todo sistema cultural. A cosmovisão atua como base norteadora de todas as demais estruturas morais, culturais, sociais, valorativas e comportamentais em uma determinada sociedade (identificada genericamente como cultura) e, conseqüentemente, sobre seus membros. Acerca desse aspecto, torna-se fundamental que o missionário reconheça sua estrutura cultural (cosmovisão, valores, cultura,

.....

comportamento) e empreenda a árdua tarefa de: identificar em seu *modus operandi*<sup>10</sup> aspectos norteados por princípios bíblicos e aspectos norteados por tradições ou costumes puramente culturais; e identificar a estrutura cultural (cosmovisão, valores, cultura, comportamento) dos indivíduos locais onde atua como missionário. Esta tarefa é fundamental em relação à cultura do missionário brasileiro em contextos transculturais.

De forma geral, a cultura brasileira é aberta e calorosa. Obviamente, existe uma gama ampla de subculturas (rurais, urbanas, híbridas) no cenário brasileiro, especialmente após inserção de conceitos simbólicos estrangeiros a partir da globalização e do livre fluxo de bens de consumo no país<sup>11</sup>, o fator que molda as novas gerações a partir de conceitos cada vez mais seculares e pós-modernos (CANCLINI, 2000, p. 239). Todavia, elementos gerais podem ser percebidos e geralmente estão ligados à cultura brasileira: forma amistosa e calorosa de agir, sorrisos, simpatia, bom humor, afetividade etc., além do popular “jeitinho brasileiro” (BARBOSA, 1992, p. 32).

---

<sup>10</sup> Expressão latina referente ao modo particular ou método de realizar algo: forma, hábitos e meios pelos quais algo é realizado; neste aspecto, a organização social e estilo de vida do missionário e das pessoas a quem busca alcançar.

<sup>11</sup> Para uma discussão adensada sobre os efeitos do simbolismo cultural a partir da cultura do consumo no Brasil (ver BARBOSA; CAMPBELL, 2006; KUHN; NOVAES, 2010).

Acerca do choque cultural sobre o missionário brasileiro, Silas<sup>12</sup>, 37 anos, missionário brasileiro em tempo integral junto com a esposa e filhos em um dos países da região conhecida como janela 10/40<sup>13</sup>, indica que as principais dificuldades transitam em torno da língua e do comportamento local. Embora tenha morado fora do país anteriormente e desempenhado atividades missionárias na África lusófona antes de sua mudança para a região atual, Silas acredita que as dificuldades de comunicação e as diferenças na alimentação foram as principais barreiras nas fases iniciais. À medida que se relacionava com as pessoas em seus ambientes, percebia que os comportamentos, reações e formas de gerenciar assuntos básicos eram totalmente diferentes dos seus. No contexto de Silas, a razão desse contraste estava na base do pensamento local, orientado por tradições milenares e um forte senso religioso enraizado na vida e nas atividades da região.

Isolamento, saudade, frustração e indignação foram os principais efeitos do choque durante as fases de adaptação, sendo identificados após cerca de um ano de atividades locais. Silas pontuou que o tempo médio para superação dos efeitos tem sido de três

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao autor em janeiro de 2015. Devido a questões de segurança, optamos pelo pseudônimo Silas.

<sup>13</sup> Região de maior concentração populacional mundial e menor concentração cristã e adventista; compreendida entre o oeste da África até o leste da Ásia, sendo 10 a 40 graus ao norte do equador.

.....

anos, na medida em que imerge na vida, língua e cultura local, o que o tem permitido compreender a cosmovisão, valores e razões para os comportamentos locais. Atualmente desempenha atividades missionárias que enfatizam os relacionamentos, um dos pontos fortes da cultura da região, utilizando os aspectos positivos como contextualização para a transmissão da mensagem.

Tito<sup>14</sup>, brasileiro, 33 anos, indica efeitos semelhantes durante sua estadia em outro país da janela 10/40 como missionário: sensação de alienação devido à incapacidade de se comunicar no idioma local desde o início; e sensação de perigo de viver em um mundo inteiramente diferente. Durante seus anos de atividade local, os efeitos foram gradualmente percebidos. Ponderações em exemplos bíblicos, oração, aplicações de orientações providas pelo *Institute of World Mission* (IWM) da IASD, disciplina pessoal e aproximação foram indicadas como principais estratégias na superação e adaptação ao choque cultural. Tito destaca que após alguns meses os principais efeitos começaram a ser sentidos, e à medida que procurava compreender as diferenças da cultura local também buscava orientação de Deus através da oração para que pudesse agir adequadamente, e não

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao autor, em janeiro de 2015. Devido a questões de segurança, optamos pelo pseudônimo Tito.

apenas reagir sob os efeitos do choque — princípio de grande importância para o missionário transcultural.

Além disso, Silas e Tito pontuam aspectos positivos da cultura local, a despeito das dificuldades de percebê-los devido aos efeitos do choque. Respeito e valor devotados aos relacionamentos sinceros foram indicados como os principais aspectos como instrumentos para melhor compreensão do pensamento local e contextualização missionária.

Enquanto escrevo este artigo, repasso minha recente experiência no campo missionário transcultural, junto com minha esposa. Há poucos meses nos mudamos para determinado país, há mais de 8 horas de diferença do Brasil em termos de fuso horário, dentro da janela 10/40. Empreendemos diversas leituras prévias sobre a região e sobre os efeitos comuns do choque cultural, o que nos foi muito positivo, mas não evitou que sentíssemos as diferenças. Os primeiros efeitos estavam relacionados com os aspectos ambientais: as diferenças nos sons, arquitetura, geografia e aromas. Em seguida, os contrastes na alimentação, o que demandou algumas semanas de investigação para identificar os itens disponíveis e saudáveis — devido a língua, a disponibilidade de itens e os costumes alimentares diferentes. Língua e comportamento podem ser indicadas, em seguida, como as principais áreas de impacto no choque cultural. A

medida que estudamos a língua local e procuramos desenvolver habilidades de comunicação, nos sentimos cada vez mais à vontade. Entretanto, a área comportamental é a principal zona de impacto, por ser a ponte entre minha cultura enquanto missionário brasileiro e a cultura local em que as diferenças se expressam em escala mais impactante.

Uma das grandes dificuldades durante a atividade local é distinguir entre aspectos morais (valorativos) da cultura: valores, situações e comportamentos que se relacionam claramente com os princípios bíblicos — tanto em harmonia quanto em desarmonia — e aspectos neutros da cultura: valores, situações e comportamentos de origem local ou tradicional que em nada se relacionam ou interferem com princípios bíblicos. Um exemplo está na forma de responder a questões negativas pela cultura local. A tradição local evita confrontos diretos e considera respostas negativas diretas como ofensivas. Portanto, os locais irão sempre responder periféricamente, evasivamente ou até afirmativamente em questões de opinião negativa. Como distinguir esse comportamento? Constitui um aspecto moral ou neutro? Da mesma forma, a impessoalidade nos comportamentos para com estrangeiros contrasta fortemente com a calorosa recepção comumente oferecida a estrangeiros no Brasil. Tal aspecto indica falta de princípios bíblicos quanto

a amor e hospitalidade, ou é produto de uma simples forma particular e impessoal de abordar estranhos? Essas questões têm sido estudadas em nossas atividades.

Uma segunda área em que o choque cultural é evidente está no funcionamento da Igreja Adventista local. Através de esforços pioneiros, em tempos em que o país estava aberto à liberdade religiosa, igrejas foram plantadas. Posteriormente, instabilidades e mudanças políticas proibiram as atividades religiosas e missionárias, tornando o campo local um “território não organizado” (TNO). Devido a restrições, falta de liberdade religiosa, perseguição e o fato da cultura local ser indiferente em relação à religião, a igreja adventista local funciona de forma leiga, praticamente autônoma e, em muitos casos, sigilosa.

48

Informações úteis em nível de organização, eventos e administração da igreja local são compartilhadas apenas com indivíduos específicos (devido ao temor pela perda da pequena liberdade religiosa local); a liderança leiga é estática e verticalizada; o conhecimento teológico é pouco acessível e as atividades de expansão da igreja ocorrem de forma bastante limitada. Tudo isso proporciona um contraste em relação à estrutura, dinamismo, liberdade religiosa e abertura ao livre fluxo de informações que a igreja no Brasil detém. Em diversos momentos, fomos levados a indagar os, porquês, da forma centralizada e fechada pela

qual a igreja local opera. Estudos, experiências compartilhadas e relacionamentos nos auxiliam a compreender a influência dos fatores externos mencionados acima, somados à cultura local, bastante fechada, como determinantes.

Os efeitos desses choques em particular transitam em torno da incapacidade de compreensão de tais comportamentos, insuficiência temporária em prover respostas em harmonia com os padrões de referência da cultura (adventista) brasileira, perplexidade sobre como desempenhar as atividades missionárias de forma a integrar e discipular os membros leigos locais e questionamentos sobre as formas mais adequadas de responder a essas situações.

Esse processo nos leva à reflexão, oração, troca de experiências e busca por conselhos junto aos níveis organizados da Igreja Adventista próximos ao país, e também ao estudo da Bíblia em busca de orientações e compreensão da cultura local. Procuramos construir estruturas de referência baseadas em princípios bíblicos que reconheçam a cultura local e que nos auxiliem a encarar com empatia e compreensão as diferenças, à medida que aprendemos como abordá-las; distingui-las entre aspectos morais ou neutros e oferecer formas de atuação que sejam tanto adaptadas ao pensamento local quanto pontes para a transformação através do evangelho.

Vale ressaltar a importância de entender os fatores externos ao choque, como a falta de liberdade religiosa local sobre o

funcionamento da igreja e produzir respostas que sejam seguras e adequadas à missão.

A tarefa é árdua, mas recompensadora, pois à medida que o missionário avança entre as fases de reconciliação e adaptação à outra cultura, sente-se cada vez mais confortável com o novo contexto, passando a compreendê-lo de forma real e sentindo-se parte do ambiente local — passa a se sentir “em casa”. Além disso, todo missionário deve sempre lembrar a certeza de que Jesus o está acompanhando e continuará até o fim dos tempos (Mt 28:20), à medida que, como igreja, avançamos entre nações, tribos, línguas e povos no cumprimento de sua missão (Ap 14:6-12).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o cenário brasileiro quanto o global apresentam grandes possibilidades para o envio de missionários a outros países. À medida que esse fluxo se estabelece e se intensifica, é importante que ferramentas de preparo e avaliações das diversas dinâmicas da missão do missionário brasileiro e sua contribuição na missão sejam desenvolvidas. Deus é o originador e mantenedor da missão, portanto, é fundamental que a missão esteja sob sua direção, inclusive os desafios quanto aos aspectos culturais para

o missionário brasileiro. Sendo que a cultura é dinâmica, esses desafios em função do choque cultural e o tempo para serem superados até a adaptação podem variar para cada missionário, sendo que a adaptação deve iniciar pela compreensão de sua própria cultura e a da região onde atua.

Embora a compreensão da cosmovisão partilhada pelos membros da cultura local onde o missionário atua seja fundamental, sem dúvida nas áreas do comportamento e valores é que os choques culturais são inicialmente mais intensos. Isso ocorre em razão de que é justamente nessas áreas em que as principais diferenças culturais são expressas, de forma material e visível. O comportamento e os aspectos sociais, como a organização, relacionamentos, formas de encarar e gerir determinadas situações, são a ponta do *iceberg*, a parte que afeta e influencia os missionários durante as fases de contato e adaptação.

Entretanto, é fundamental que o missionário brasileiro explore a base desse *iceberg*, a cosmovisão local, a fim de compreender os valores fundamentais e os porquês dos comportamentos que lhe são tão contrastantes e enigmáticos. A partir daí, o missionário poderá compreender a melhor abordagem, além de desenvolver compreensão, empatia e paciência para com aqueles a quem busca alcançar. De fundamental importância é o fato de que, embora o choque cultural seja passageiro, e a

adaptação de importância similar, não se deve esquecer de que o missionário é sempre enviado como um instrumento de transformação através do poder do evangelho – jamais no sentido de uma imposição de sua cultura sobre a cultura local, mas no sentido de trabalhar para uma transformação da cosmovisão local a partir da cosmovisão bíblica. Essa atuação transformará a cultura local através da Bíblia e não através da cultura do missionário.

Por fim, vale lembrar o conselho inspirado de Ellen G. White de que “Deus deseja que as diferentes nacionalidades se misturem umas as outras, a fim de serem unidas em julgamento e propósito” para que, ao atravessar as fases de adaptação ao choque cultural, o missionário brasileiro possa lembrar das promessas de Deus e confiar em seu auxílio ao avançar, aprender e empreender em sua missão.

52

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. **O jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BBC. **Conheça os melhores (e piores) passaportes para viajar**. Disponível em: <<http://bbc.in/2063DRj>>. Acesso em abr., 2015.

BORBA, W. **A base missionária adventista do sétimo dia no Brasil**: sua formação, consolidação e expansão. Tese. (Doutorado em Teologia Pastoral). Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Engenheiro Coelho, julho de 2009.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

DOSS, C. (Org.). **Passaporte para a Missão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989

HOBBSAWN, E. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras: 2007.

KNIGHT, G. **Uma igreja mundial**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KWAST, L. E. Entendendo o que é cultura. In: BRADFORD, K. D.; HAWTHORNE, S. C.; WINTER, R. D.; **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2009.

LAPLATINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LIMA, W. UNASP pode se tornar um celeiro de missionários. In: **Revista Adventista**, 27 de março de 2015. Disponível em: <http://bit.ly/1NODGP0>. Acesso em: maio de 2015.

MAGNANI, J. C.; TORRES, I. L. **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

MINISTÉRIO do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Acordos dos quais o Brasil é parte**. Disponível em: <http://bit.ly/1SqupE8>. Acesso em maio de 2015.

**SEVENTH Day Adventist Church 2014 Annual Statistical Report**. Silver Spring: Seventh Day Adventist Church Office of Archives, Statistics and Research, 2014.

WHITE, E. G. **Historical Sketches of SDA Mission**. Silver Spring: Ellen G. White State, 2010.



# ETNOCENTRISMO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O MISSIONÁRIO BRASILEIRO

Ronan Carmo<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Francisca Costa<sup>3</sup>

Apesar de o relacionamento entre o missionário e as culturas ser central no contexto da missão, nem sempre esse tópico recebe a devida importância. Paul G. Hiebert (1999, p. 14-15) explica que os missionários frequentemente são bem treinados na Bíblia e na mensagem missionária, mas raramente examinam os povos e as culturas a que servem e, por causa disso, o resultado costuma ser uma mensagem mal entendida. Hiebert assevera que as duas áreas são necessárias, deve-se conhecer a mensagem bíblica,

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de Missiologia na pós-graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Diretora de Pós-graduação, pesquisa e extensão.

mas também é necessário conhecer o cenário contemporâneo. Só então poder-se-á construir as pontes que tornarão a mensagem bíblica relevante ao mundo atual e aos povos de todos os lugares.

No contexto das culturas surge o conceito antropológico de “etnocentrismo”, termo formado pela justaposição da palavra de origem grega *ethnos*, que significa “nação, tribo ou pessoas que vivem juntas”, e *centrismo* que indica o centro, ou seja, ou seja “o meu” povo, país, família, tribo, cultura ou afins. O etnocentrismo se trata de um preconceito que determinada sociedade ou cultura produz, ao mesmo tempo que procura incutir em seus membros normas e valores peculiares; entendem que sua maneira de ser e proceder é a certa, melhor ou superior. Desta forma, o etnocentrismo julga os outros povos e culturas pelos padrões da própria sociedade ou indivíduo etnocentrista, que passam a servir como meio de aferição para dizer até que ponto os costumes alheios são corretos, bons e humanos. A identificação de um indivíduo com sua sociedade induz à rejeição das outras. Por exemplo, um idioma estrangeiro parece “enrolado” e ridículo; alimentos, asquerosos; maneira de trajar, extravagante ou indecente; deuses, demônios; cultos, abominações; e moral, uma perversão.<sup>4</sup> Diante desse

---

<sup>4</sup> Definição adaptada do documento: Etnocentrismo e relativismo cultural da Universidade Católica de Pernambuco, disponível em: <http://bit.ly/1VHgPe9> data do acesso: 19/01/2015.

conceito, existe um etnocentrismo brasileiro? Quais suas implicações no contexto de missão transcultural?

## O DESAFIO DA DIFERENÇA

“Cultura”, segundo Hiebert (1999, p. 30), são “sistemas mais ou menos integrados de ideias, sentimentos, valores, e seus padrões associados de comportamento e produtos, compartilhados por um grupo que organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz”. Portanto, se trata de um conceito extremamente amplo. Uma outra definição, um tanto simplificada, mas não menos holística, e que possui grande aceitação ainda hoje, é a do antropólogo britânico Edward B. Tylor (1920, p. 1): cultura é todo o complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade.

Diante de tais conceitos, pode-se afirmar que cultura é a identidade de um povo, pois seu envolvimento vai muito além de hábitos e atitudes: inclui crenças, gostos e afeições, valores, conceitos sapienciais, enfim, todo um mundo impresso consciente ou inconscientemente na mente dos indivíduos dentro de sua sociedade. Quando não se tem contato com outras

culturas, esse é o único universo cultural, não há parâmetros para se questionar tal cultura para o bem ou para mal. É como a visão medieval geocêntrica, onde existia um consenso de que a terra era o centro do universo, até que Galileu apresentou a ideia do heliocentrismo, onde a Terra gira em torno de si mesma e ao redor do Sol. Tais concepções geraram sérios conflitos e Galileu acabou sendo morto por causa disso, pois seus conceitos foram tidos como heréticos pela liderança religiosa da época. O mesmo acontece com as culturas de determinadas civilizações quando expostas às diversidades culturais. Neste contexto, o etnocentrismo emerge como a primeira das reações previsíveis, e trata-se de um preconceito, uma inaceitação ou aversão ao que lhe é estranho ou desconhecido, pois o julgamento se dá com base nos padrões de sua própria cultura. Tal comportamento pode ser renitente ou transitório, dependendo de cada situação. Isso já conduziu civilizações a se colocarem em conflito com outras, por acharem que a sua cultura é a melhor ou a ideal, em detrimento da outra.

Outra reação também possível é a aceitação e assimilação de outra cultura em prejuízo de sua própria. Diversos fatores podem gerar este tipo de atitude, entre eles, traumas e perseguições, opressão, encantamento com uma cultura dominante, que de alguma forma proporcione melhor qualidade

de vida, condições de educação e crescimento pessoal, profissional ou religioso.

É possível identificar etnocentrismo no Brasil desde os seus primórdios, quando os portugueses chegaram e buscaram destruir ou modificar o que encontraram da cultura nativa ao impor a sua própria cultura, em parte para dominação, e em parte para assegurar a sobrevivência de seus costumes. Com o passar do tempo, a cultura sofreu influências em sua formação de diversos lados: da cultura europeia e asiática nos processos migratórios, da cultura africana com a vinda dos escravos e da cultura indígena nativa remanescente.

Ao comentar este assunto valendo-se de Smith, Bosch (2002, p. 357) recorda que o movimento missionário contribuiu fundamentalmente para a abolição da escravatura no mundo; alavancou a difusão de métodos mais adequados de agricultura; melhorou condições de educação através da criação e manutenção de inúmeras escolas; promoveu assistência médica a milhões de pessoas; melhorou a condição das mulheres (historicamente discriminadas); criou vínculo entre pessoas de países diferentes que a guerra não conseguiu romper; e acabou por formar uma significativa parcela dos líderes de nações que conquistaram sua independência. Tais feitos são realmente louváveis, mas existe um quadro sombrio nisso

tudo: Bosch observa que o problema muitas vezes reside no fato de as pessoas que defendem, apoiam ou fazem missão, não enxergarem seu próprio etnocentrismo, e isso se deve à sua incapacidade de ser crítico à própria cultura e de apreciar culturas de outros povos. Assim, acabam por confundir seus ideais e valores sociais com princípios cristãos, tornando-se predispostos à não apreciação das culturas. Dessa forma, desprezam a unidade de vida e aprendizagem, a interdependência de indivíduo, comunidade cultura e produção, a profundidade da sabedoria popular e as convenções das sociedades tradicionais. Essa riqueza acaba por ser desprezada e perdida e, é claro, tais fatores influenciam diretamente sobre o resultado na missão, pois tendem a transformar as culturas ao invés de se contextualizar dentro delas.

Em contextos missiológicos, há um encontro de três culturas: a cultura do povo a ser evangelizado, a cultura nativa do missionário, e a cultura da Bíblia. Por exemplo, na cultura em que a Bíblia foi escrita, o coração é centro das emoções. Apesar de na cultura brasileira haver algo parecido, há a nítida noção de que esse centro é a mente humana. Em outras culturas entende-se que as emoções são geradas na boca ou na garganta. Para que haja uma correta compreensão do ensinamento bíblico, se faz necessária uma tradução correta para

cada convenção cultural: da Bíblia para a cultura do missionário, da cultura do missionário para a cultura do povo a ser evangelizado. Se o missionário não tiver uma profunda compreensão de sua própria cultura, não vai perceber as diferenças e dificilmente conseguirá transcrever os princípios bíblicos de modo a serem compreendidos completamente. Um exemplo disso é a imagem bíblica de Deus como “pastor” e os homens fiéis como “ovelhas”. Na cultura brasileira pouco se sabe sobre ovelhas e a grande maioria das pessoas sequer viu um desses animais pessoalmente. Como entender, então, o que a Bíblia quer dizer com isso? Como transcrever tais lições para uma terceira cultura?

O etnocentrismo conflita com a diversidade cultural. Na Bíblia, já no livro de Gênesis, Deus ordena que o ser humano encha a terra, e a sujeite (Gn 1:28). Essa ordem, que é repetida logo após o dilúvio (Gn 9:1 e 7), encontra resistência da civilização atual. Segundo White (2009, p. 120), era propósito de Deus gerar diversidade de línguas e povos e, conseqüentemente, culturas, mas o intento humano de ser apenas um povo, estava em confronto com a vontade de Deus. Onde havia uma cidade construíram uma torre com a intenção de assegurar a unidade, com uma só língua e cultura, além de assegurar sua independência de Deus, em caso de um novo dilúvio. Tal

resistência a Deus é comumente interpretada como orgulho e ganância na tentativa de alcançar o céu e sitiar suas portas. Luckm Ann (2002, p. 1-2) expande a ideia ao expor que o relato de Babel é um conto de resistência camponesa em relação ao mundo citadino e militar.

Ele conclui que construção de uma torre, nas cidades da época, era para fortificação militar das mesmas, e afirma que a construção da torre de Babel visava homogeneizar todos os povos para que falassem uma só língua e não fossem dispersos pela terra (Gn 11:1, 4).

62

Deus interfere (v. 5-9) justamente no sentido de eliminar a possibilidade de uma língua única e da convivência de todos os povos em um mesmo local sob um poder opressor. Para Luckm Ann, a atuação de Deus em Babel foi de preservar a diversidade cultural e a dispersão dos povos. Assim, a ação de Deus não foi somente punitiva, mas positiva, já que o projeto de Babel estava ancorado na opressão e exploração dos povos, fato simbolizado pela torre militar.

Esse episódio parece estar em harmonia com o plano de Deus. Os relatos da criação (Gn 1-2) revelam que a diversidade fez parte da criação do mundo. Em especial, Gênesis 11:1-9 revela “o anúncio e a promessa em prol das pequenas unidades sociais de caráter familiar e clânico, vivendo na dispersão e

.....

autonomia cultural”. Sendo assim, a atitude de Deus foi um ato de graça ao não permitir a uniformidade cultural.

Mesmo após a instituição de Israel como um povo especial nos planos de Deus, a ideia nunca foi a unificação, visto que Ele jamais deixou de considerar a história da humanidade como um todo. Lienemann-Perrin (2005, p. 20) complementa que o caminho especial de Israel entre os povos permanece inserido na trajetória da história primordial até as profecias sobre os últimos dias. Sendo o ser humano criado a imagem e semelhança de Deus, tal princípio tem validade para todo o gênero humano. As alianças que fez com a humanidade, de proteção, benção e cuidado, como aparecem no contexto pós-diluviano, ilustram bem essa ideia. Elas jamais foram anuladas por alianças posteriores, e se estenderam a todos os povos da terra, já que a tabela dos povos, descrita em Gênesis 10, enumera cada um deles sem qualificá-los segundo critérios religiosos ou étnicos. Isso ocorre porque, segundo a tradição bíblica, YHWH é Deus de todos os seres humanos, independentemente de ser conhecido ou não por eles. Apesar de sua íntima relação com um povo, Ele não é um Deus tribal ou nacional. Esse povo está espalhado por todos os povos. Nos tempos do AT, Deus rompe com o etnocentrismo de forma a levar o povo a conhecê-lo através de Israel; na nova aliança, Deus envia seu povo em missão para levar ao mundo.

Essa compreensão bíblico-sociológica sobre etnocentrismo tem implicações para missionários interculturais brasileiros:

***Missionários brasileiros devem refletir sobre o relacionamento com a própria cultura:*** O etnocentrismo brasileiro poderá trazer problemas na comunicação da mensagem, no convívio com os nativos, mas especialmente na sua adaptação ao novo ambiente e à nova cultura. Para que isso não exerça uma influência negativa sobre sua visão e ação, é prudente que o missionário brasileiro exercite uma visão crítica sobre sua própria cultura e não permita que o etnocentrismo domine sua visão como parâmetro para todas as demais. Se isso ocorrer, os missionários transplantam a sua cultura em vez de proclamar de boas novas. É importante que o missionário, quer brasileiro ou não, considere as questões culturais com muito cuidado, avaliando cautelosamente as possibilidades de estar sendo influenciado por uma visão etnocentrista. A análise cultural brasileira merece um estudo mais aprofundado usando as categorias tradicionais da antropologia cultural.

***A identidade brasileira apresenta possíveis vantagens:*** O Brasil possui boas relações diplomáticas com a maioria dos países do mundo (os brasileiros têm acesso a mais de 140 países sem a necessidade de visto). O fato de não estarem envolvidos em conflitos e guerras há muitas décadas são vantagens claras.

Além disso, o fato de os brasileiros serem mundialmente conhecidos como um povo alegre, simpático, festivo e que gosta de futebol, facilita sua aceitação em muitos contextos culturais ao redor do mundo.

***Possíveis desvantagens do brasileiro no contexto missionário:***

Dentre elas, destaca-se o idioma. O português é falado em poucos países no mundo e oferece uma considerável distância do inglês, que é a língua predominante em contextos interculturais. O clima do Brasil, ao passo de ser considerado muito agradável, por não apresentar grandes variações no decorrer das estações, pode gerar dificuldades na adaptação em locais onde o clima é mais extremo, seja para o frio ou para o calor. Outra possível desvantagem é que, por ser um país de dimensões continentais, os brasileiros não viajam para o exterior como as pessoas de outros países e, conseqüentemente, têm pouca inteligência cultural. Essa situação também é resultado da falta de condições financeiras proporcionada pelas fortes diferenças sociais do país, e a conseqüente inviabilidade das viagens internacionais no Brasil. Destaca-se ainda a forte identificação, se não dependência, do arroz e feijão na dieta. A mudança para uma dieta diferente é sofrida. Em contextos culturais onde os alimentos são muito diferentes, os brasileiros podem encontrar dificuldades. Contudo, devemos recordar

que tais fatores são relativos, e que existem muitos outros que podem ser levados em conta nessa análise.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

66

Cristo ordenou que seus seguidores fizessem discípulos por todo o mundo. Essa tarefa inclui transpor barreiras culturais. Entre os fatores que exercem forte influência nos resultados finais do empreendimento missionário, está o etnocentrismo com sua capacidade de gerar segregação, ou ainda de desestimular os candidatos a ingressarem na experiência missionária.

Foi Deus quem escolheu criar a diversidade de povos, línguas e culturas, não como uma punição ou maldição, mas como um ato de graça, amor e benção. Ele é o deus de todos povos, como fica claro ao analisamos o contexto histórico-social-teológico da Bíblia. Deus não criou os povos e a diversidade cultural com intenções de destruí-la, mas com intenção de reproduzir a sua própria natureza. Através dessa perspectiva, cabe aos missionários brasileiros lidarem com as diferenças culturais, evitando as possíveis distorções resultantes do etnocentrismo. Isso dificultaria a vida do missionário e atrapalharia a sua capacidade de compreender, traduzir e transmitir o evangelho supracultural de Cristo.

O missionário brasileiro pode ter vantagens pela sua identidade cultural, mas também há evidentes desafios que, no final, só poderão ser superadas através do amor a Cristo e às vidas humanas. A superação do etnocentrismo será um grande passo para o sucesso na missão.

## REFERENCIAS

BOSCH, D. J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

HILBERT, P. G. **O Evangelho e a diversidade das culturas, um guia de antropologia missionária**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LIENEMANN-PERRIN, C. **Missão e diálogo inter-religioso**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005.

LUCKM ANN, S. **Deus e as culturas entre Babel e Pentecostes**. Mondaí, julho de 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/1PdGneS>>. Acesso em: 5 out. 2015.

MONTEIRO, M. A. L. **Um jumentinho na avenida**: a missão da igreja e as cidades. Viçosa: Ultimato, 2007.

TYLOR, E. B. **Primitive culture, researches into the development of mytology, philosophy, religion, language, art and custom**. W. London: Albermarle Street, 1920.

WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.



# O JEITINHO BRASILEIRO E O MISSIONÁRIO TRANSCULTURAL

Eduardo Dutra<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Francisca Costa<sup>3</sup>

Entre os desafios que o missionário transcultural enfrenta, encontra-se o choque cultural — isso não é diferente para os brasileiros. Em se tratando da cultura brasileira, uma de suas principais caracterizações é o “jeitinho brasileiro”: costuma-se dizer que tudo pode ser resolvido de uma maneira ou de outra. Gomes (1987, p. 43) afirma que “damos um jeito em tudo, do existencial ao político, do físico ao metafísico”. Esse jeito se revela de diferentes maneiras – desde um favor baseado na amizade, até exceções concedidas pelo suborno (ADIWARDANA, 2009). Burns (1987, p. 65) observa que “dar um jeitinho é uma palavra intraduzível para outros idiomas como, por exemplo,

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de Missiologia na pós-graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Diretora de Pós-graduação, pesquisa e extensão.

o inglês, e significa encontrar um caminho, achar uma saída, consentir com uma exceção ou fechar os olhos para as leis”. Assim, o “jeitinho brasileiro” representa a formalização de todas as características básicas atribuídas ao homem tupiniquim. O jeitinho é a “palavra-chave, o abre-te Sésamo para todas situações difíceis” (PADILHA, 1975); é uma categoria intermediária que se encontra entre a honestidade e a marginalidade, pois é justamente esse o lugar do malandro, o famoso “profissional do jeitinho” (GNOATO, 2014).

70

O mundo cristão volta sua atenção para as expressões dinâmicas do hemisfério sul, incluindo o Brasil, e para a responsabilidade dessa região de enviar missionários transculturais. A dinâmica transcultural, no entanto, indica a necessidade de reflexão sobre a identidade cultural do missionário. Portanto, é importante compreender o jeitinho brasileiro e suas implicações para atividade missionária.

## PRÓS E CONTRAS DO “JEITINHO”

Acredita-se que a expressão “jeitinho brasileiro” foi usada pela primeira vez no livro de Kellemen, *Brasil para principiantes*, que descreve a sua tentativa de imigrar para o Brasil em 1946. Ao procurar o consulado geral, o cônsul José de Magalhães e Albuquerque

decidiu por conta própria identificar Kellemen como agrônomo em seus documentos e não como médico, sua verdadeira profissão, devido às “besteiras sem importância [as leis]” que impediriam o visto desse viajante (KELLEMEN, 1961).

Porém, o fenômeno brasileiro do *jeito*, segundo Da Matta (1984), já pode ser encontrado na carta de Pero Vaz de Caminha, o primeiro documento sobre o Brasil. O autor da carta conclui pedindo ao rei de Portugal que transfira o domínio da ilha de São Tomé ao seu genro Jorge Osório. O conteúdo da carta foi útil apenas para sensibilizar o rei com a finalidade de fazer sua vontade e beneficiar o parente.

A dicionarização do termo só ocorreu em 1982 no *Novo Dicionário de Termos e Expressões*, de Tomé Cabral, publicado em Fortaleza. Essa obra incorporou a expressão “dar um jeitinho” como sinônimo de facilitar algo difícil de ser executado. Em 1983, no *Dicionário do Brasil Central*, de Ortência Bariane, o termo “jeitinho” adquire autonomia e aparece isolado do verbo *dar*. “Pela primeira vez a ideia do jeitinho é usada como elemento definidor do Brasil e dos brasileiros, como elemento de identidade social” (BARBOSA, 2006, p. 184).

O jeitinho brasileiro se traduz em atitudes positivas e negativas, com implicações para missionários transculturais. Entre as vantagens estão:

***Inventividade e criatividade:*** As constantes condições econômicas desfavoráveis levaram o brasileiro a desenvolver a habilidade de se adaptar e ser criativo para sobreviver. Missionários transculturais são expostos a situações inusitadas, que exigem as mesmas capacidades. Burns (1987, p. 66) alega que “o brasileiro é um alívio bem-vindo, em comparação com outros que levam sua cultura nas malas”. A habilidade de dar um jeito criou no brasileiro uma rápida inteligência, fornecendo-lhe um excelente escape de alguma situação de dificuldade, a adaptabilidade e a flexibilidade – grandes benefícios para obreiros transculturais. O caso do cientista brasileiro, engenheiro da NASA, Ramon de Paula, que fez parte da equipe responsável pelo envio do jipe-robô *Curiosity* para Marte, serve de exemplo. Em entrevista, ele disse que o “jeitinho brasileiro” foi fundamental para a sua função ao resolver problemas técnicos e burocráticos. Seu lema era: “sempre tem um jeito de resolver um problema”.

O jeito, segundo Rega (2000, p. 69), é uma “força solidária de ajuda aos pobres”. O brasileiro, muitas vezes, “dá um jeito” de ajudar alguém, independentemente do que precise fazer. Essa atitude se alinha bem com os objetivos missionários. Outra vantagem é o lado conciliador do jeito. Da Matta (1984, p. 91-92) explica que o jeito é um modo simpático de relacionar o pessoal

com o impessoal, um modo pacífico e até legítimo de resolver problemas, tais como a falta de dinheiro, o atraso, a confusão legal, entre outros. O brasileiro é capaz de resolver problemas com uma conversa amigável, em vez de citar regras e agir de modo impessoal. Por fim, segundo Adiwarna (2009), o brasileiro se propõe a solucionar o problema da desigualdade para que todos vivam bem apesar das diferenças. Isso influencia a atitude do brasileiro de aceitar outras culturas com facilidade.

Além dos pontos positivos, o “jeitinho brasileiro” recebe crítica pelas suas distorções. Na experiência transcultural, esses pontos negativos podem se transformar em desvantagens para o missionário brasileiro, como aponta Adiwarna (2009):

***Desacato às regras e autoridades:*** Parece que sempre há desinteresse ou vontade de fazer algo contra a ordem do superior. Quando surge um problema, logo se acha uma solução, mesmo que isso envolva algo ilícito. Missionários transculturais brasileiros podem menosprezar as regras do visto, trabalhar quando em ocasiões não permitidas, ou até mesmo conseguir vistos ilegalmente. A dificuldade de trabalhar com os superiores, desacatando suas regras e, muitas vezes, adotando uma postura arrogante, pode ser um problema sério, principalmente em países que valorizam as regras e têm sérias punições para quem as infringe.

**Individualismo:** Leers (1982, p. 72-73) entende que o jeito é “uma solução tipicamente individual e nunca faz uma política coletiva, embora seja uma prática bem socializada [...] o homem vai limitando o espaço de seu mundo até não enxergar somente a si mesmo”. Apesar de fazer amigos facilmente, no fundo há um sentimento de autodefesa. Ele vive tirando vantagens das situações e racionaliza com uma autocomiseração, como sonegar impostos, furar fila, conseguir favores. No campo transcultural, isso pode gerar desentendimento com a cultura local e com o grupo que se está trabalhando.

74

**Imediatismo:** Segundo Rega (2000), o jeito é a “lei do menor esforço” e não tem interesse em investir em ideais. Neste sentido, o jeito é uma conduta ética que não pensa nas consequências e conduz a uma conduta ética *niilista*, ou seja, sem ideais, associada ao ditado popular “deixa como está para ver como fica”. É um imediatismo e utilitarismo egoísta. “Os fins justificam os meios”. Porém, a maior parte do trabalho transcultural, diz Adiwarna (2009), requer perseverança, com objetivos de longo prazo. Isso vai contra a cultura do jeitinho que quer tudo de imediato, resolvido da forma mais fácil e sem pensar nas consequências e repercussões.

Outro ponto negativo citado por Adiwarna (2009, p. 479) é o “dualismo da aceitação de todas as raças simultaneamente com

aspecto de chauvinismo nacional”, achando que o Brasil é melhor em muitos pontos, como se todas as diferenças culturais pudessem ser resolvidas com um jeitinho, visto que todos são iguais.

Pensar que o brasileiro aceita todas as raças com suas respectivas culturas resulta na ideia de que facilmente ele se adaptará a qualquer cultura, em razão de seu caráter amigável. Todavia, essa forma de pensar é uma faca de dois gumes: aceitando os outros, pensa-se que os outros pensam como ele o aceitam como é. Ou ainda, pensam que a forma brasileira de relacionamento é a melhor, por ser calorosa, íntima. Assim, todo mundo é amigo. Então, “posso, e até devo, demonstrar minha cultura de aceitação e amizade fácil”. Deste modo, o brasileiro talvez tenha dificuldade para respeitar as culturas “mais frias” no relacionamento. Isso irá gerar choque com os colegas ou com o povo com quem trabalha, pois eles não estão acostumados a relacionamentos que permitam intimidade, normais aos brasileiros. Toques físicos, abraços e beijos numa cultura sem toque físico e maior distância corporal sem dúvida criarão problemas. O brasileiro despreparado terá dificuldade de se adaptar às diferenças, por usar seu julgamento como padrão para se relacionar com outra cultura (ADWARNA, 2009, p. 479).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O missionário brasileiro deve desenvolver autoconhecimento cultural. Se, por um lado, obtenha algumas vantagens culturais que o favoreça na missão, por outro lado, os pontos negativos do “jeitinho” têm consequências negativas para a missão, a começar

pela própria vida espiritual e pelo caráter. A menos que o “jeitinho” seja burilado pela Palavra de Deus e pelo Espírito Santo, o missionário brasileiro não estará pronto para enfrentar e contribuir em um contexto transcultural. É preciso uma busca intensa do Espírito Santo para que os frutos desse relacionamento possam manifestar em sua vida. Isso fará o missionário brasileiro romper com esse “jeitinho” e reconhecer que somente pelo poder de Deus a missão poderá ser cumprida com êxito.

## REFERÊNCIAS

ADIWARNA, M.; N. O jeito brasileiro. In: WINTER, R.; D. HAWTHORNE, S.; C. BRADFORD, K.; D. **Perspectivas no Movimento Cristão Mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BARBOSA, L. **O jeitinho brasileiro a arte de ser mais igual do que os outros**. São Paulo: Elsevier, 2006.

BURNS, B.; H. **Teaching cross-cultural missions based on biblical theology implications of Ephesians for the Brazilian church**. Deerfield: Trinity, 1987.

DA MATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

GNOATO, G. A lei do jeitinho brasileiro. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 19, n. 4056, 2014. Disponível em: < <http://bit.ly/20m1XIK> >. Acesso em: 19 jan. 2015.

GOMES, W.; M. **Sal da terra... em Terra do brasis**. Brasília: Refúgio, 1987

KELLEMEMEN, P. **Brasil para principiantes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

LEERS, B. **Jeito brasileiro e norma absoluta**. Petrópolis: Vozes, 1982.

PADILHA, T. M. **Brasil em questão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

PUFF, J. **Jeitinho brasileiro me ajudou, diz executivo de missão da Nasa**. São Paulo: BBC Brasil, 8 ago. 2012. Disponível em: <http://bbc.in/1KTQjID>. Acesso em: 19 jan. 2015.

REGA, L. S. **Dando um jeito no jeitinho**: como ser ético sem deixar de ser brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.



# A LÍNGUA MATERNA E O CUMPRIMENTO DA MISSÃO EVANGÉLICA

Valdecir Tillvitz<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Vandeni Kunz<sup>3</sup>

“Como compartilhar o amor de Deus e o plano da salvação de maneira compreensível?” Essa é uma das principais perguntas da missiologia. Compartilhar o evangelho de tal maneira que a mensagem faça diferença na vida das pessoas, de forma a transformá-las. Não basta apenas falar, é preciso ser relevante para que exista conversão — mudança de atitude — e o evangelho seja verdadeiramente uma boa nova. Os missionários têm o dever de entender a estrutura cultural para

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de pós-graduação em Missiologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Coordenadora Geral de pós-graduação.

que sejam compreendidos pelas as pessoas (DIAS, 2013, p. 53). Um exemplo disso ocorreu depois que Jesus contou a parábola do semeador que não foi entendida pelos discípulos, que lhe pediram explicação. Antes de explicar, citando a profecia de Isaías 6:9, Jesus esclareceu que eles poderiam ouvir, mas não entenderiam. Outro exemplo é o encontro de Jesus com um endemoniado que, após ser libertado, recebeu a incumbência de testemunhar aos seus companheiros. Jesus estabeleceu que, para segui-lo, o ex-endemoniado deveria ir para casa contar aos seus amigos o que Ele tinha feito. As pessoas se maravilhavam. Aquele homem conhecia o seu público, falava a mesma língua dele, tinha o mesmo costume, a mesma cultura, enfim, era um deles e tinha uma experiência de salvação com Jesus.

Portanto, uma das maneiras de maximizar o impacto da mensagem é utilizar a língua materna do ouvinte ao transmitir o evangelho. Ela é mais compreensível e tem uma influência maior. O apóstolo Paulo disse que preferiria falar cinco palavras de maneira compreensível, para instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida (1Co 14:18, 19). Ao contrário do ditado popular “santo de casa não faz milagre”, o verdadeiro “santo de casa” é aquele que faz o milagre! Este pode oferecer testemunho da sua bondade, orar, testemunhar para os seus companheiros e cumprir com eficácia a missão evangélica.

## A QUESTÃO DA LÍNGUA

Em Atos 1:8, a Bíblia explica que o Espírito Santo foi enviado para que os cristãos fossem testemunhas do evangelho em todos os lugares. Em Atos 2, há os relatos da descida do Espírito Santo e da capacitação dos discípulos para que falassem em línguas desconhecidas. Os versos 6, 8 e 11 narram uma ocasião onde pessoas escutavam os discípulos em sua língua materna. Nesse relato, mencionam-se 17 regiões e 17 línguas faladas pelos 120 discípulos reunidos (At 1:15). Por estarem em Jerusalém, essas pessoas já deveriam ter algum conhecimento da língua usada no templo. Por que o Espírito Santo capacitou aos discípulos e não a um tradutor para falar na língua materna das pessoas? Ao ouvir o evangelho na própria língua, aquelas pessoas sentiram-se valorizadas e entenderam a mensagem, resultando na conversão de quase três mil delas.

A língua materna é o meio de comunicação mais importante em qualquer sociedade. Ela confunde-se com a identidade da pessoa. Quando se usa a língua materna, os laços de relacionamento são mantidos. Por isso, ela se reveste de grande importância na comunicação. Um exemplo da importância da língua materna, especialmente no sul do Brasil, são as escolas municipais bilíngues (português/alemão). Devido ao fato de existirem muitas crianças que aprenderam outro idioma em

casa, especialmente o alemão, as escolas valorizam a língua do lar. Os alunos vão aprender melhor o conteúdo escolar na língua que ouviam de seus pais (ANDRADE, 2004).

Estudos sobre a motivação humana sugerem que as pessoas são observadas de dentro para fora e não de fora para dentro, isto é, a partir do sujeito e de suas necessidades. Assim, constitui-se a sua personalidade, e sua conduta torna-se um reflexo da motivação. Primeiramente, isso quer dizer que deve-se conhecer a base da construção emocional e intelectual da pessoa, o alvo da comunicação. É importante falar de acordo com sua cultura, ou seja, aquilo que construiu sua personalidade, sua língua e seus costumes, para uma melhor motivação e melhor aceitação da mensagem (NUTTIN, 1982).

82

No estado do Paraná, há uma comunidade holandesa onde as crianças aprendem o idioma como língua materna e, posteriormente, seus pais as enviam a Holanda para se tornarem fluentes. Eles também mantêm uma igreja que utiliza a língua holandesa nos seus cultos, pois é a língua da comunidade. Verifica-se que essa iniciativa ocorre justamente pelo prazer de ouvir o evangelho na língua materna, mesmo estando em uma cultura cujo idioma oficial é o português.

Depois do inglês, espanhol, chinês e hindi, a língua portuguesa é a quinta mais falada no mundo; é o idioma oficial

de sete países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, além de outros territórios, como é o caso de Macau, na China, e regiões que tiveram grande influência portuguesa, como Zanzibar e Tanzânia, na África; Malaca, na Malásia e Goa, Damão, Ilha de Anjedriva, Simbor, Gogolá, Diu, Dadrá e Nagar-Aveli, na Índia. Nesses lugares, a língua portuguesa foi imposta pelos colonizadores, e não chegou a ser a língua materna de quase toda a população, como é o caso do Brasil, mas é falada apenas como uma segunda língua por alguns.

Em Moçambique, por exemplo, a língua portuguesa é a oficial. No entanto, ela é a língua materna de apenas 6% da população, número que, na cidade de Maputo, chega a 25%, apesar de cerca de 40% dos moçambicanos afirmarem o seu conhecimento. Os moçambicanos valorizam as línguas maternas nacionais como patrimônio cultural e educacional, e promovem o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas de sua identidade (MEDEIROS, 2006).

A língua portuguesa pode ser uma oportunidade para os missionários em outros países. As igrejas de expressão portuguesa são um ótimo público, devido às pessoas de diferentes culturas e projetos missionários que utilizam o português em países ao redor do mundo que precisam de ajuda.

Não podem ser desconsideradas as comunidades que têm o português como língua materna, mesmo se o país utiliza outro idioma para esse fim. A lusofonia existe em quase todos os países, defendendo sua identidade cultural e buscando realizações em prol de sua comunidade. As comunidades de fala portuguesa em diferentes países podem ser localizadas através de órgãos oficiais do governo. Essas associações constituem uma oportunidade para a atuação dos missionários de expressão portuguesa.

Além das oportunidades no exterior, temos os imigrantes que vieram ao Brasil, que constituem um grande campo missionário. Vivem no Brasil cerca de 200 mil pessoas com fluência no alemão. Também há bolivianos, haitianos, japoneses, italianos, pessoas de cultura árabe, entre outros. Cada um deles tem fluência no idioma de seu país, bem como conhecimento dos costumes de sua pátria (IBGE, 2016). Expressões como “Brasil é igual coração de mãe, sempre cabe mais um” também reflete a realidade de cerca de 150 mil imigrantes chineses.

Outro exemplo é a cidade de Nova Iorque, onde se falam quase 800 idiomas, entre eles o português. Essa cidade foi conhecida como *melting pot* em função do seu grande número de imigrantes. Contudo, atualmente, acredita-se que o Brasil, de maneira especial a cidade São Paulo, seja um grande *melting pot*, por conta da concentração de estrangeiros que vieram em busca de moradia.

Devido ao acúmulo de culturas em um único país, há a possibilidade preparar pessoas para atuar como missionários em diversas partes do globo. Pode-se preparar uma pessoa com conhecimento, por exemplo, na língua e cultura alemã para ser missionário na Alemanha. Por que não enviar missionários chineses, por exemplo, à sua própria pátria a fim de pregar aos seus conterrâneos?

Além disso, inúmeros imigrantes no Brasil se contextualizaram, falam o português e conhecem a cultura brasileira. Eles vieram ao Brasil em busca de uma vida melhor e também conheceram o evangelho. São estrangeiros receptivos ao cristianismo. Aqueles que não podem ir a outros países, podem ajudar os estrangeiros que residem aqui.

No início do movimento adventista os membros acreditavam que anunciar o evangelho apenas nos Estados Unidos equivalia a pregar ao mundo, uma vez que vários estrangeiros passavam por aquele país. Apenas mais tarde tiveram a ideia de enviar missionários para outros países. John Nevins Andrews é reconhecido como o primeiro missionário oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, enviado em 1874 para a Suíça. Contudo, a mensagem adventista já tinha chegado lá uma década antes. Michael Czechowski, um ex-padre católico romano, solicitou ser enviado ao seu continente nativo para espalhar a nova fé que anunciava a segunda vinda de Jesus Cristo. Os líderes da Igreja Adventista não

o enviaram, portanto, resolveu ir por conta própria e se tornar o primeiro missionário intercultural. No momento em que Michael Czechowski conheceu a mensagem adventista, desejou pregá-la na sua terra natal. Czechowski chegou à Europa em 1864 e, ao ensinar a mensagem adventista, gerou conversos em países como a Suíça, Hungria, Itália e Romênia (KNIGHT, 1999).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

86

Um dos desafios da missão é preparar pessoas que consigam falar a língua materna do ouvinte a fim de comunicar-lhes o evangelho ao com amor e compreensão. Devido à grande variedade de idiomas existentes no mundo, essa é uma tarefa árdua, mas não impossível. Aqueles que possuem fluência no português têm oportunidades tanto em países da mesma língua quanto em comunidades de fala portuguesa em outros países. Os missionários também não devem negligenciar os estrangeiros que estão por perto, pois podem ser os próximos missionários ao voltarem à sua terra natal com a mensagem de salvação.

Um indígena certa vez argumentou que, se Deus o amava, deveria falar no seu idioma. Falar no idioma do ouvinte é uma questão de amor ao próximo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. A. F. Desfazendo o mito do super-herói docente. **Em Linguagens e Cidadania**, n. 12, dez. 2004. Disponível em: <http://bit.ly/1UPx4b1>.

DIAS, M. E. C. **Evangelismo e testemunho**: a sua autêntica missão de apresentar Jesus às pessoas. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil 500 anos**, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/1pvl6Y9>.

KNIGHT, G. R. **A brief history of Seventh-day Adventists**. Hagerstown: Review and Herald, 1999.

NUTTIN, J. **Estudos de motivação humana**: consciência, comportamento e personalidade. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

MEDEIROS, A. A. D. **A Língua Portuguesa**, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/21iY9Df>.



# O CAMPUS UNIVERSITÁRIO COMO CONTEXTO MISSIOLÓGICO

Gabriel Servi<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Francisca Costa<sup>3</sup>

Um dos contextos identificados como desafios atuais para a missão é o campus universitário secular. Esses ambientes reúnem uma grande concentração de pessoas, em sua maioria jovens, e são conhecidos por serem núcleos de formação de profissionais e produção de conhecimento, possuindo consideração pelos temas espirituais. O objetivo deste trabalho é explorar essa realidade a partir da perspectiva da missiologia.

Por meio de pesquisas bibliográficas e da observação, procurou-se desenvolver o projeto a partir da premissa básica da contextualização missiológica, com ênfase em nichos menores da sociedade, como os universitários.

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de Missiologia na pós-graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Diretora de Pós-graduação, pesquisa e extensão.

Este projeto inclui iniciativas e práticas relacionadas a ministérios universitários no Brasil e no mundo, além do panorama demográfico e filosófico desse grupo, que sugere uma oportunidade de evangelização. Dois ministérios universitários são descritos como análise de caso e, em seguida, extraem-se princípios e sugestões de modelos para futuras missões.

## CAMPUS MISSIONÁRIO

90

Em meio a uma realidade na qual as dúvidas sobre a origem da vida se sobressaem, sugere-se que a humanidade pode encontrar um Deus que decidiu se revelar e comunicar-se com o ser humano a fim de prover alternativas para essas indagações. Ele apresenta a si mesmo como a origem de tudo o que existe, e a razão da vida pode ser, em suma, adorá-lo. Essa adoração envolve serviço, e dentro desse serviço pode-se encontrar a missão (MOREAU, 2005, p. 78). A missão, portanto, pode ser definida como o serviço de cada cristão, a fim de promover o Reino de Deus (NEWBIGIN, 1994, p. 121), ou seja, a fé real em Cristo Jesus por todo o mundo.

Devido à diversidade de culturas, é evidente que o evangelho, a fé e o Reino de Deus não conseguem ser efetivamente compartilhados da mesma maneira em todos os contextos (HIEBERT, 2010, p. 141). Nesse sentido, é necessária a prática da contextualização da mensagem para cada frente de trabalho (NICHOLLS, 1979, p. 53). É importante ressaltar que, devido à pluralidade da sociedade pós-moderna, não é necessário estar em outro continente para lidar com culturas diferentes. Além do mais, dentro da própria estrutura social de uma cultura existem subdivisões e nichos específicos.

Podem ser citadas, como exemplo, as famosas tribos urbanas — grupos de pessoas que se agrupam em blocos, devido às afinidades culturais. Outro conceito um pouco mais abrangente é o dos grupos socioculturais — compreendidos por um número relativamente pequeno de pessoas com interesses, atividades ou ocupação em comum. Dentro dessa classificação encontram-se os universitários. Todos esses grupos fazem parte do escopo da missão e devem ser alcançados pelo evangelho.

Com muita frequência, conseguimos efetivamente evangelizar indivíduos iniciando um estudo bíblico ou um pequeno grupo de oração dentro desses grupos especializados. O grupo pode ser de mulheres que lavam roupa à beira do rio, motoristas de táxi, universitários que moram em repúblicas ou migrantes recém-chegados da zona rural à cidade grande. As oportunidades em potencial para esse tipo de

evangelismo em grupo são quase ilimitadas no mundo atual. Visando propósitos missionários, podemos atuar entre povos socioculturais a fim de evangelizar preliminarmente, estabelecendo uma ponte intermediária para metas de plantação de igrejas a longo prazo (WINTER; KOCH, 2009, p. 552).

Ralph D. Winter e Bruce A. Koch fazem referência ao estudo da Bíblia e aos grupos de oração como fundamentais para a evangelização dos grupos socioculturais. Contudo, também afirmam que as possibilidades para o evangelismo em grupos são quase ilimitadas. É justamente na amplitude que esse termo sugere ser necessário o aprofundamento nas ideias e conceitos para o trabalho com universitários.

92

De certa forma, ao longo da história, a religião e os centros universitários estabeleceram várias bases de relacionamento. As primeiras grandes universidades do mundo surgiram em sociedades cristãs e tinham como concentração principal de estudos a Teologia. De acordo com Cawthon (2004, p. 158), por exemplo, nos Estados Unidos, ainda no século 18, diante de um grande reavivamento religioso, instituições de ensino importantes, como a Universidade Yale, promoviam correntes de oração por ministérios em universidades. A transmissão dos valores cristãos era algo natural neste contexto.

No entanto, com a ascensão da ênfase no conhecimento científico, as universidades passaram a viver um paradoxo de

valores. Cawthon (2004, p. 158) acrescenta que, “como resultado deste desconforto, e do aumento do número de não-protestantes em instituições tradicionalmente protestantes [...] o clero começou a ser direcionado a trabalhar com estudantes. Assim, o movimento pastoral nas universidades começou.”

Desde então, é possível dividir os projetos que abrangem três estilos: o presente passivo, a parceria com a igreja e a “igreja na universidade”. No primeiro, é subentendido que os cristãos presentes no campus universitário entendem a missão que lhes é incumbida por serem cristãos e, assim, analisam as possibilidades e desenvolvem estratégias de evangelismo para o local. Na segunda, a igreja como organização proporciona um trabalho mais ativo por estar perto das universidades, oferecendo oportunidades de envolvimento aos estudantes. Seja por meio dos cultos ou de outras atividades em geral. Neste sentido, são valorizadas as ações sociais para o recrutamento dos jovens. E, por último, a abordagem “igreja na universidade” apresenta uma instituição que não precisa ter aparência física ou uma estrutura tradicional estabelecida, mas congregar um grupo de pessoas que se reúne em qualquer local, até mesmo no próprio campus, e ali realizar suas reuniões, cultos, programações, atividades, treinamento e evangelismo. Cawthon (2004, p. 159) afirma que os três modelos citados podem ser encontrados em praticamente

todos os ministérios universitários atuais. Porém, existe uma incidência maior no modelo “igreja na universidade”.

Outro aspecto importante a ser analisado na história dos ministérios universitários é a distinção entre as características fundamentais dos ministérios tradicionais e os ministérios contemporâneos. Os ministérios tradicionais têm como pontos centrais: 1) base teológica e doutrinária fundamentada nas crenças de uma denominação específica; 2) interação de uma igreja local com todos os tipos de pessoas; 3) grupos reduzidos que proporcionam um desenvolvimento mais íntimo e pessoal; e 4) liderança ordenada (CAWTHON, 2004, p. 169). Já os ministérios contemporâneos são caracterizados por: 1) um grande ambiente de grupo; 2) adoração eclética; 3) grupos organizados por afinidades; 3) energia e entusiasmo; 4) liderança leiga (CAWTHON, 2004, p. 169-170). Os vários exemplos desses ministérios procuram abranger o máximo possível de personalidades diferentes e oferecer os requisitos necessários para cada contexto universitário.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (2013)<sup>4</sup>, no Brasil existem 2.391 instituições de ensino superior reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC), com um número total de aproximadamente 7,3 milhões de

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1Oz3Zdr>>. Acesso em 16 mar. 2016.

estudantes universitários.<sup>5</sup> Em um estudo sobre a religiosidade dos estudantes brasileiros, Mota (2013, p. 163) aponta que 66,5% deles podem ser classificados como religiosos. Por outro lado, a autora também ressalta que, apesar da maioria religiosa, o grupo que mais cresce nos últimos anos é o “sem religião”. “Em 40 anos, houve grande expansão nessa população passando de 0,8%, em 1970, para 8%, em 2010” (MOTA, 2013, p. 94). No 1º. *Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco, e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras* (ANDRADE, 2010, p. 45) o número de estudantes sem religião entre os universitários brasileiros é de 14,9%. Os sem religião não são necessariamente ateus, mas pessoas que procuram uma prática religiosa independente, sem vínculos com instituições tradicionais.

A cultura social dos universitários é muitas vezes associada a um período de estudo de “diversão”. Ribeiro (2007, p. 88-89) relata que grande parte das atividades socioculturais desses jovens envolve consumo de álcool e outras drogas ilícitas, e que as incidências de pessoas viciadas se apresentam com mais frequência entre jovens que não moram na casa dos pais e fazem parte do grupo sem religião. Ou seja, o campus universitário,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1RJztr>>. Acesso em 16 mar. 2016.

tanto na maioria religiosa quanto na minoria crescente dos sem religião, fornece duas vertentes de trabalho evangelístico: fortalecimento da fé e diálogo interdenominacional com os religiosos, e evangelismo contextualizado aos que evitam instituições estabelecidas.

Hines, pastor americano que direcionou o seu ministério à área jovem, experimentou conhecer no prazo de um ano 181 projetos de missão universitária espalhados nos Estados Unidos. Como resultado de sua experiência, publicou um livro (*Reaching the campus tribes: an opening inquiry*). Na introdução, ele fornece um dos principais argumentos que podem ser usados para justificar e incentivar a ampliação de trabalho por meio desses ministérios:

essas tribos particulares [universitários] tem um ponto em comum: elas podem ter mais potencial para influenciar o mundo inteiro do que qualquer outro tipo de tribo. Enquanto nós nunca podemos julgar a importância de alcançar mais um grupo específico do que outro, missiólogos reconhecem o valor estratégico de alcançar grupos que sirvam como propulsores para um impacto maior. Sem dúvida, essas 181 tribos (e algumas outras milhares como essas) proporcionam uma imensa oportunidade de impactar não somente suas regiões, mas todo o mundo (HINES, 2009, p. 5).

Em 2014, Hines teve a oportunidade de observar dois ministérios na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Essa instituição de ensino superior tradicional existe desde 1966 e conta com mais de 30 mil alunos entre os cursos de graduação e pós-graduação. Por ser uma das referências acadêmicas do Brasil, desenvolveu-se uma grande cidade universitária que abrange três milhões de metros quadrados no bairro de Barão Geraldo, região nobre da cidade de Campinas. Esta possui mais de um milhão de habitantes e é conhecida por ser o segundo principal centro econômico do estado de São Paulo.

Levando em consideração as características já citadas sobre o perfil dos jovens estudantes brasileiros, a Unicamp serve como referência de contexto no qual é evidente a necessidade de ministérios universitários. Diante da classificação proposta por Cawthon, duas iniciativas podem ser classificadas em um projeto mais tradicional (Grupo de Estudantes Adventistas - GEA), e um mais contemporâneo (Comunidade do Estudante Universitário - CEU).

***Grupo de Estudantes Adventistas (GEA):*** Essa iniciativa não se restringe apenas ao grupo da Unicamp, mas sim a uma série de grupos adventistas que se estabeleceram em universidades públicas do Brasil. O primeiro deles surgiu nos anos 80, na Universidade de São Paulo (USP). Contudo, não existe uma ideologia unificada; cada “GEA” tem a liberdade de criar seus próprios projetos sem nenhum tipo de conexão com a

liderança dos outros. Na Unicamp, ele já foi dividido em algumas fases e a última delas está em atividade desde meados de 2000. Até o início de 2014, a ênfase principal do grupo era para o público interno, no âmbito denominacional. Ou seja, a ideia era promover um encontro de adventistas que estudavam na universidade, para que pudessem meditar na Bíblia, conhecer uns aos outros, fortalecer a fé e formar uma “família”.

98

Suas reuniões sempre enfatizaram o estudo das doutrinas adventistas, apesar de não serem necessariamente restritas a pessoas que fossem filiadas à religião. A proposta não era alcançar um grupo grande, mas promover um ambiente de aprendizado e relacionamento pessoal. Ao longo da história, porém, o grupo também se preocupou em expandir sua área de atuação e, por isso, promoveu algumas séries de evangelismo público com temas polêmicos no contexto universitário (“criacionismo x evolucionismo”, “existência de Deus” etc.). Tais atividades atraíram um bom número de pessoas, mas não resultaram em um acréscimo de “membros” ao grupo.

Por isso, a partir de 2014, o grupo decidiu mudar um pouco os rumos do trabalho. Ele se especializou em estratégias evangelísticas por meio de aulas específicas com especialistas. Além disso, elaboraram uma estratégia de trabalho mais holística, que não se restringisse apenas ao campo das discussões doutrinárias.

Traçaram uma linha de trabalho que consiste em: reuniões de fortalecimento de fé, reuniões de evangelismo contextualizado em dias alternativos, realização de feiras de saúde, liderança na capelania do hospital universitário, adoção de um orfanato/asilho, confraternizações e festas voltadas ao lazer.

O grupo fortaleceu os laços com uma igreja local, a Igreja Adventista Central de Campinas, e com outras instituições adventistas como o Unasp-EC e a Associação Paulista Central (Apac). Todas essas atividades colocaram o GEA no modelo de parceria com a igreja, no qual o grupo funciona como um braço de atuação das atividades da igreja dentro da universidade.

***Comunidade do Estudante Universitário (CEU):*** Esse ministério universitário existe desde 2011 e é sustentado pela Igreja Presbiteriana. Contudo, sua abordagem é interdenominacional e busca alcançar pessoas religiosas ou não dentro do ambiente universitário. O projeto possui uma casa de reunião no bairro de Barão Geraldo que funciona como centro de organização de suas atividades e como ponto de encontro oficial de todas as pessoas envolvidas no projeto, público interno e público externo.

O público alvo são os mais jovens, principalmente os recém-chegados à universidade, os calouros, conhecidos como “bixos”. A organização enxerga esse momento de entrada no contexto universitário como uma ótima oportunidade para mostrar a

diferença do cristão, porque geralmente as pessoas precisam de apoio e direção no momento que enfrentam mudanças. Por isso, eles desenvolveram várias atividades voltadas para dentro do campus, como piquenique, luau e encontro para a prática de esportes. Além disso, anualmente produzem materiais de apoio e instruções para os ingressantes na Unicamp, com informações diversas, que abordam aspectos técnicos da instituição, vida estudantil, informações sobre o bairro, e também sobre grupos religiosos.

A casa foi ideologicamente planejada para receber pessoas em todos os períodos e em qualquer momento do dia. Então, ela fica constantemente aberta, contando com a presença de missionários de tempo integral que lá residem. Seja para jogar vídeogame, ou para realizar um grupo de estudos para as provas finais. A ideia é ser útil para a comunidade dos estudantes. Além disso, várias programações sociais são realizadas nela, sem falar dos momentos de culto e estudos específicos de temas espirituais e religiosos. Esse modelo, com uma roupagem mais contemporânea, se aproxima da realidade que cria uma “igreja” na universidade.

De acordo com as informações já apresentadas, e baseado no manual para ministérios universitários, produzido pela Divisão do Norte da Conferência Geral (2012), é possível sugerir princípios, modelos de organização e programas que servem como

fontes primárias para ministérios universitários. A primeira etapa é seguir os princípios que regem toda a existência dos ministérios. Eles podem ser resumidos em quatro palavras:

**Evangelho:** Toda a razão de qualquer iniciativa missional tem que ser baseada na Palavra, na revelação e modelo que Ele deixou para todos os seres humanos. À luz da verdade bíblica é que a estratégia missionológica deve ser estabelecida;

**Ser:** Uma necessidade pós-moderna, evidenciada principalmente na camada jovem da sociedade, é a busca por autenticidade nos relacionamentos. Um ministério universitário precisa ser fundamentado em amizades verdadeiras e sinceras, nas quais possam ser encontradas de forma prática todas as verdades faladas e estudadas teoricamente;

**Vir:** Seguindo o princípio anterior, um grupo de pessoas de relacionamentos agradáveis e honestos tende, naturalmente, a ser estabelecido em uma comunidade. A intenção é criar um grupo, um local onde pessoas possam compartilhar as alegrias, tristezas, desafios e sonhos;

**Ir:** A comunidade de fé em Cristo precisa resultar no surgimento do ímpeto missionário no coração de cada um. O foco não é somente formar um grupo de relacionamentos, mas um núcleo de formação de missão, que alcance cada vez mais pessoas, formando novos grupos e assim sucessivamente.

Um segundo processo fundamental é definir o modelo de organização. A tendência de ministérios universitários é ocorrer com um caráter mais orgânico do que tradicionalmente planejado. De qualquer forma, alguns passos são imprescindíveis.

**Estudo teológico:** A iniciativa de alcançar grupos específicos de jovens normalmente requer muito da contextualização da mensagem para que ela não se torne algo irrelevante na cultura em questão. Por mais que isso já tenha sido apresentado como um princípio bíblico necessário e utilizado por Deus por toda a história, algumas pessoas se deixam levar pelo impulso em busca de resultados numéricos e abandonam alguns conceitos indispensáveis para o evangelho. Por isso, é de suma importância que os projetos missionários estejam sempre envolvidos e avaliados por meio do estudo da Palavra de Deus;

**Planejamento estratégico:** Esse tópico se concentra em atividades mais técnicas como o levantamento de informações do campus, o perfil dos estudantes, seus interesses, suas necessidades, entre outros dados relevantes para o estabelecimento de um ministério que alcance as pessoas onde precisam. É importante, portanto, definir o público alvo e a ideologia abordada pelo grupo (foco interno, externo etc.). Portanto, a liderança precisa ser estabelecida para que contenha pessoas com

dons distintos, mas que façam parte da cultura do campus a ponto de desenvolverem programas realmente contextualizados. Outros três pontos devem ser levantados nesse momento que são roteiro de programações, orçamento e avaliação;

**Parcerias:** Uma característica essencial para ministérios universitários é a busca por parcerias, saber trabalhar com várias vertentes tanto para recursos como para oportunidades. Muitas vezes as denominações religiosas não apoiam com muito empenho, e o grupo precisa saber buscar meios para sustentar a existência de forma efetiva. Portanto, é necessário buscar parcerias com outros grupos religiosos dentro do campus e com a administração da instituição. Essa parceria pode resultar em uma série de serviços realizados (ministério holístico).

Por último, gostaria de citar três modelos básicos de orientação para os programas. Como um dos princípios para atingir os jovens, principalmente os universitários, é a criatividade. Esses modelos servem apenas como estrutura para uma série de atividades que podem ser desenvolvidas.

**Pequenos grupos:** Grupos de relacionamento e estudo oferecem oportunidade para o surgimento de ministérios universitários. Eles podem ser tanto com foco interno, de fortalecimento de fé, como com foco externo, evangelístico. Isso depende da realidade de cada campus. Existe também a modalidade por afinidades

como gostos ou conveniências estudantis (pessoas do mesmo curso, da mesma sala etc.). De qualquer forma, são nesses grupos que os relacionamentos se desenvolvem, e os laços de amizade plantam as sementes do evangelho de forma mais efetiva;

**Grandes grupos:** Dentro da universidade é interessante também existir um grupo estabelecido e relativamente grande que compartilha da mesma fé. Pode ser tanto um elemento integrador dos pequenos grupos, quanto uma evolução natural de apenas um. Contudo, o estabelecimento de uma comunidade é importante para a organização do trabalho em prol de projetos de maior alcance;

**Atividades sociais:** É importante que os grupos de crentes não se concentrem em apenas fazer reuniões para eles mesmos. Na área da missão, estudo da Bíblia, relacionamentos, grupos de encontro sempre devem resultar em um impacto exterior na vida de outras pessoas e da comunidade em questão. Na universidade, várias coisas podem ser feitas: atividades sociais e de lazer; promoção de eventos beneficentes; produção de material de apoio acadêmico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ministérios universitários são apenas mais uma manifestação do cumprimento da missão de Deus, que é a implementação

do Reino em todos os lugares do mundo, para todos os povos, em todas as culturas e suas subdivisões. As universidades possuem um diversificado número de pessoas que buscam, através do conhecimento teórico, um sentido mais fundamentado para vida, assim como um grupo de afinidades do qual façam parte. Apresentam, assim, abertura para o diálogo e se caracterizam como um grande campo missionário.

Historicamente, a igreja mostra uma preocupação com esse trabalho, mas a valorização de projetos para esses contextos ainda é muito pontual e de iniciativas independentes. Portanto, o preparo de novos líderes focados no estabelecimento de núcleos cristãos nas universidades se torna cada vez mais importante. Esses núcleos devem ter uma base solidificada na Bíblia e nas verdades exemplificadas pela vida de Jesus Cristo, e assim desenvolver ministérios integrais, com ênfase em Deus, no indivíduo, no grupo e também na comunidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. V.; OLIVEIRA, L. G. **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras** / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; GREA/IPQ-HC/FMUSP. Brasília: SENAD, 2010.

CAWTHON, T. W; JONES, C. A description of traditional and contemporary campus ministries. **The College Student Affairs Journal**, v. 23, n. 2, p. 158-172, 2004.

HIEBERT, P. G. **O Evangelho e a diversidade das culturas:** um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HINES, B. **Reaching the campus tribes:** an opening inquiry. [s. l.]: [s. n.], 2009.

MOREAU, A. S.; CORWIN, G. R.; MCGEE, G. B. **Introducing world missions:** a biblical, historical, and practical survey. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.

MOTA, H. S. **Evolução biológica e religião:** atitudes de jovens estudantes brasileiros. Tese. (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

NEWBIGIN, L. **A word in season:** perspectives on christian world missions. 1. ed. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1994.

NICHOLLS, B. J. **Contextualization:** a theology of gospel and culture. 1. ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 1979.

106

**QUICK START guide for public campus ministry.** North American Division Corporation of Seventh Day Adventists; 2012.

RIBEIRO, E. **Padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre universitários da área de saúde de uma faculdade do interior do Estado de São Paulo.** Tese. (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2007.

WINTER, R. D.; KOCH, B. A. Completando a tarefa. In: WINTER, R. D. HAWTHORNE, S. C.; BRADFORD, K. D. **Perspectivas no movimento cristão mundial.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

# A TECNOLOGIA DIGITAL E A MISSÃO ADVENTISTA: UM ESTUDO DE CASO

José Flores<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Francisca Costa<sup>3</sup>

O avanço dos meios de comunicação ocorre de forma rápida, o que altera também nossa compreensão de mundo e o modo como vivemos nele. Isto afeta de forma definitiva a maneira como é feita a propagação da mensagem adventista neste contexto. A medida que a sociedade se adapta a essas inovações, percebe-se uma mudança clara na maneira como nos relacionamos no espaço e no tempo. Há muito mais informação disponível. Esse conteúdo, nem todos corretos, e a facilidade de acesso a eles,

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor de Missiologia no curso de pós-graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo.

<sup>3</sup> Diretora de Pós-graduação, pesquisa e extensão.

transformam a vida das pessoas. Essa mudança radical exige um uso inteligente desses novos meios de comunicação a fim de que a mensagem adventista alcance pessoas que estão adaptadas a eles.

Diante deste desafio tecnológico podemos citar dois modos de encarar esta questão pelos que estão envolvidos em um contexto religioso. Por um lado, temos uma maioria que rejeita essas inovações por associarem os novos meios de comunicação às mensagens ruins que porventura possam estar contidas neles. Por outro, temos aqueles que aceitam as novas tecnologias e compreendem sua importância, mas que a subutilizam por não estarem habituados a elas.

108

Este segundo grupo enfrenta algo natural quando estamos diante de novas tecnologias: “toda a vez que surge uma inovação tecnológica, tenta-se de início utilizá-la de acordo com os antigos paradigmas” (WOLYNEC, 2003). De forma geral, ainda usamos a internet para compartilhar estudos bíblicos já existentes ou para fazer propaganda institucional. Portanto, percebe-se a necessidade de aprimoramento do uso que fazemos dos novos meios de comunicação.

Este artigo avalia uma estratégia de missão urbana realizada a princípio na internet, mas também com desdobramentos na maneira como encaramos a propagação do evangelho em seus diversos aspectos, principalmente a sua contribuição para a missão

urbana. Assim, através de um estudo de caso avaliamos a experiência de evangelismo urbano utilizando os meios de comunicação atuais, realizada a partir de abril de 2010 por dois pastores adventistas do estado de São Paulo. Verificamos como o trabalho foi realizado e quais foram seus resultados até o momento, visto que o projeto continua em andamento. Para isto, serão utilizados registros em sites utilizados para a propagação do projeto.

## A BASE BÍBLICA PARA A EVANGELIZAÇÃO NA GERAÇÃO Y

A Bíblia mostra que as pessoas são diferentes e que a época em que vivem determina a maneira como elas entendem o mundo. O primeiro aspecto pode ser verificado quando Deus, ao criar o planeta, determinou que o ser humano cultivasse o jardim. Deus estava conferindo autonomia para que o ser humano cultivasse o jardim conforme seu ponto de vista. Ele poderia e deveria interferir no jardim, dando a ele o aspecto que melhor lhe parecesse. O teólogo cubano Justo González (2011, p. 51), escrevendo sobre esse assunto, destaca:

Ao ler a história do jardim, frequentemente imaginamos que o propósito de Deus era que tudo ficasse assim, como estava, e que, se o pecado não entrasse no meio, ainda andaríamos nus e ociosos no

jardim. Mas não. Desde seus primórdios a humanidade recebe de Deus uma comissão: cultivar o jardim, ser senhora sobre o restante da criação. Este cultivo e este domínio devem ocorrer à imagem e semelhança de Deus, que cria coisas novas; portanto, a criatividade e o esforço humano para entender e governar o restante da criação fazem parte da boa criação de Deus.

Deus nos criou para criarmos e não para copiarmos, ou para sermos o que sempre fomos um dia. Deste modo, as várias maneiras de entender o mundo, assim como as diferentes culturas fazem parte do plano original de Deus, mesmo que não houvesse a queda do homem. É claro que a queda trouxe elementos ruins às várias culturas, mas a diversidade de culturas não faz parte desses aspectos desfavoráveis depois da queda.

110

A Bíblia também se refere às mudanças ocorridas de uma geração para a outra. “Tendo, pois, Davi servido ao propósito de Deus em sua geração, adormeceu”, (At 13:36). Neste texto, pode-se perceber que Davi foi eficaz para a sua geração e somente para ela, o que nos permite concluir que, atualmente, Deus não quer um novo “Davi”, mas alguém para esta época.

Portanto, indicamos que a forma como apresentamos as orientações bíblicas devem ser realizada de maneira a ser entendida pela geração em que estas orientações são apresentadas. Isto também deve ocorrer levando-se em consideração os elementos culturais do receptor da mensagem. Devemos almejar “a comunicação da

verdade bíblica de uma forma culturalmente relevante” (BENEDICTO, 2012, p. 16). A isto damos o nome de contextualização. “A contextualização intencional do modo como comunicamos nossa fé e prática é bíblica, legítima e necessária” (BENEDICTO, 2012, p. 16).

Ellen G. White, reconhecida escritora adventista, também indica que a contextualização deve ser empregada na transmissão da mensagem bíblica. Ela afirma que devemos “estudar, planejar, idear métodos, a fim de alcançar o povo onde está. Devemos fazer algo fora do curso comum das coisas” (WHITE, 2007, p. 122). Pode-se notar claramente aqui a ênfase em alcançar o povo onde está. Não podemos esperar apenas que o povo venha até nós, devemos ir até onde estão e isto implica em entender como funciona a cultura deste povo a fim de sermos entendidos por eles.

No contexto atual onde novas tecnologias estão alterando significativamente a forma como vivemos, Ellen G. White (2007b, p. 409) não adota uma postura de exclusão destas tecnologias, seu conselho vai exatamente em sentido oposto:

O conhecimento existente no mundo pode ser adquirido, pois todos os homens são propriedade de Deus e são usados por Ele para cumprir Sua vontade em determinados aspectos, mesmo que rejeitem o homem Cristo Jesus como seu Salvador. A maneira pela qual Deus usa os homens nem sempre é discernida, mas Ele o faz. Deus dotou os homens de talento e capacidade inventiva, a fim de que seja efetuada a Sua grande obra em nosso mundo. As invenções da mente humana parecem proceder da humanidade, mas Deus

está atrás de tudo isto. Ele fez com que fossem inventados os rápidos meios de comunicação para o grande dia de sua preparação.

Assim, verificamos que tanto a Bíblia quanto Ellen G. White não são contrários à utilização de variedade de métodos para a transmissão da mensagem Bíblica.

## O CONTEXTO CULTURAL EXISTENTE DA ATUALIDADE

112

As pessoas são diferentes umas das outras. Essas diferenças precisam ser levadas em consideração no momento de transmitir uma mensagem a alguém. Por isto, é necessário que o comunicador da mensagem entenda o ponto de vista do receptor da mensagem. Muitos fatores podem e devem ser levados em consideração para que isto ocorra da melhor forma possível. Aqui destaca-se a mudança de pensamento que ocorre de uma geração para a outra.

Segundo as teorias sobre gerações, pessoas nascidas em um mesmo período compartilham experiências de vida históricas e sociais. Essas vivências comuns poderiam afetar de forma similar seu padrão de resposta a situações e instituições, como valores e crenças sobre as organizações, ética de trabalho, as razões pelas quais trabalham, objetivos e aspirações na vida profissional, além de seu comportamento no trabalho (SMOLA; SUTTON, 2002).

Embora não necessite ser usada de forma inflexível, podemos compreender as gerações mais recentes da seguinte forma, como destacam vários autores<sup>4</sup>: geração tradicional, nascidos antes de 1945; geração baby bommers, nascidos entre 1946 e 1964; geração X, nascidos entre 1965 e 1977; geração Y, nascidos entre 1978 e 2000; e geração Z, nascidos a partir do ano 2000.

A geração Y compreende pessoas de 16 a 40 anos de idade. Todos os autores concordam que esta geração foi a que viveu as mudanças mais significativas nos últimos anos devido à revolução tecnológica e digital. Esta revolução provocou uma ruptura muito importante com as gerações anteriores, fazendo destas pessoas um grupo que frequentemente não é compreendido e bem aceito, principalmente em instituições como as igrejas.

O que mais costuma chamar a atenção das gerações anteriores é a capacidade que os ípsilons têm de fazer tudo ao mesmo tempo. Eles costumam passar nove horas trabalhando, cinco navegando na internet, cinco no Facebook, ou no MSN, e três horas ouvindo música, além de gastar duas horas jogando videogame, mais duas vendo tevê, mais duas enviando torpedos, ou falando ao celular, três horas estudando e oito dormindo. Se somarmos isso, chegamos

---

<sup>4</sup> Para maior estudo sobre o assunto podemos destacar os seguintes autores: Karim Khoury, Christian Barbosa e Gustavo Cerbasi, Enio Resende, Marcos Calliari e Alfredo Mota, Flávia de Souza Costa Neves Cavazotte, Idalberto Chiavenato, Deise Engelmam, Smola e Sutton (2002).

a 46 horas, o que significa dizer que, para essa turma, um dia pode valer praticamente dois (CALLIARI; MOTA, 2012, p. 10).

Essa identificação com a tecnologia faz da geração Y um grupo de pessoas que pensa de forma diferente de seus antepassados com significativos reflexos na maneira como se relacionam com a espiritualidade. Conceitos como adoração, oração, louvor etc. adquirem para eles uma nova roupagem que precisa ser levada em consideração. Numa pesquisa realizada em 17 a 23 de janeiro de 2013, com 1.078 adultos com idade a partir de 18 anos (a margem de erro da pesquisa de 2,8% para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%) nos mostrou que:

114

- ◆ 70% dos cristãos da geração Y e 34% de toda a geração Y leem a Bíblia através de celulares ou na internet;
- ◆ 56% dos cristãos da geração Y e 34% de toda a geração Y consultam sites de templos, igrejas ou sinagogas na internet;
- ◆ 54% dos cristãos da geração Y e 31% de toda a geração Y assistem vídeos online sobre espiritualidade;
- ◆ 59% dos cristãos da geração Y e 30% de toda a geração Y procuram por conteúdo espiritual na internet;

- ◆ 39% dos cristãos da geração Y e 11% de toda a geração Y fizeram algum tipo de doação online para uma instituição religiosa no último mês;
- ◆ 38% dos cristãos da geração Y e 44% de toda a geração Y ouvem sermões através da internet.

Para constatar a diferença na busca espiritual entre a geração Y e seus pais a pesquisa destacou que: 35% da geração Y faz doações online a organizações sem fins lucrativos enquanto apenas 18% de pessoas mais velhas que eles; 44% da geração Y publicou algum comentário espiritual na internet enquanto apenas 31% de pessoas mais velhas que eles (BARNA GROUP, 2013). Deste modo, podemos perceber que os meios digitais são uma realidade presente entre indivíduos da geração Y.

## ESTUDO DE CASO

No início de 2010, dois pastores, José Flores Junior e Diego Ignácio Barreto, respectivamente pastores distritais em Guarulhos na Associação Paulista do Vale e em São Paulo na Associação Paulista Sul da Igreja Adventista do Sétimo Dia, criaram o site *www.confissoes-pastorais.com.br* com o objetivo de: 1) apresentar temas discutidos

na faculdade de teologia e que não eram aparentemente muito discutidos nas igrejas locais; 2) atingir pessoas da chamada geração Y; e 3) desenvolver evangelismo através da internet.

O meio de propagação da mensagem foi a internet e a forma utilizada foi o podcast<sup>5</sup>. Nesses podcasts eram publicados estudos bíblicos em áudio sobre os mais variados temas bíblicos. Uma das características desses áudios era a informalidade, isto é, apenas dois amigos conversando. Essa informalidade foi responsável por alcançar o público alvo, a geração Y, visto que este grupo tem na autenticidade um de seus valores mais importantes.

116

O projeto continua e hoje o site registrou mais de três mil acessos do mês anterior. O que mostra que nestes seis anos de projeto milhares de pessoas tiveram acesso ao conteúdo disponibilizado no site. Mas o desempenho do projeto pode ser avaliado por outros fatores que vão além da quantidade de acessos. Entre esses fatores, destacamos depoimentos que geram retorno positivo do projeto.

---

<sup>5</sup> Podcast é o nome dado ao arquivo de áudio digital, frequentemente em formato MP3 ou AAC (este último pode conter imagens estáticas e links), publicado através de podcasting na internet e atualizado via RSS. Também pode se referir à série de episódios de algum programa quanto à forma em que este é distribuído. A palavra é uma junção de *Pod-Personal On Demand* (numa tradução literal, “pessoal sob demanda”) retirada de iPod e broadcast (transmissão de rádio ou televisão). O podcast em vídeo chama-se “videocast”, frequentemente em arquivo formato MP4 ou disponibilizado em sites de streaming como o Youtube. O termo “podcast” é creditado a um artigo do jornal britânico *The Guardian* em 12 de fevereiro de 2004, porém, nesse primeiro momento, o termo não se referia ao formato de transmissão com RSS, o que só aconteceu em setembro daquele ano, quando Dannie Gregoire usou o termo para descrever o processo utilizado por Adam Curry.

Destaca-se também a capacidade de mobilização dos ouvintes do podcast. Em duas ocasiões houve reuniões organizadas exclusivamente pela internet. A primeira ocorreu em janeiro de 2013, em São Paulo, com a participação de 130 ouvintes do podcast, vindos das regiões centro-oeste, sul e sudeste do Brasil. O segundo encontro realizado em janeiro de 2014, chamado “Fator 40” reuniu 300 pessoas na cidade de Cotia, SP, vindas de todo o país e exterior com o fim de participarem de oficinas de arte e talentos, a fim de desenvolverem habilidades para continuar alcançando pessoas de sua geração. Neste encontro foi lançado um livro de contos (BARRETO *et al.*, 2014), escrito por participantes do evento. Também houve pessoas decididas a se tornarem membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia através do projeto no batismo realizado por ocasião do Fator 40. O projeto continua atualmente com novos desdobramentos, como o programa de televisão no ar no canal Novo Tempo de TV da Igreja Adventista do Sétimo Dia chamado “Hiperlinkados”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os novos meios de comunicação são uma realidade principalmente no cotidiano da geração Y, mas também uma realidade na vida de todas as pessoas atualmente. Por isso, não é prudente

aceitar sem discussões a ideia de que as inovações tecnológicas são malélicas e devem ser abandonadas. Também não é aconselhável uma atitude de desinteresse para com essas novas tecnologias, o que nos leva ao seu pouco aproveitamento. O estudo de caso mostra que a utilização de novas tecnologias alcança pessoas que não seriam alcançadas de outras formas, visto que a geração Y vê essas tecnologias como parte comum de seu dia a dia.

Ainda pode-se notar, de forma bem frequente, uma atitude hostil em relação às novas tecnologias. Muitas pessoas tendem a tratar as inovações como se fossem um risco à verdadeira espiritualidade. Isto se deve ao fato de que novas tecnologias sempre são vistas com desconfiança. Essa desconfiança leva a uma atitude de retorno ao passado, como se pudéssemos realmente fazer voltar a história. Neste ponto, a atitude mais prudente é a de aceitação dos novos tempos, visto que tais mudanças sempre aconteceram e continuarão acontecendo. Somente depois desta aceitação é que podemos dar o próximo passo. Ele consiste em não subutilizar as novas ferramentas. Visto que não voltaremos mais a viver sem internet da mesma forma, pode-se, então, encarar a realidade e planejar meios de atuação na internet como no estudo de caso mencionado neste artigo.

As redes sociais e as ferramentas tecnológicas provêm um novo universo para a propagação da mensagem adventista. Pessoas

interagem nas redes sociais de forma mais livre, o que faz com que elas acessem materiais religiosos que não demonstrariam interesse de outra forma. Deste modo, podemos concluir que as ferramentas como blogs, podcasts, rede sociais são, na verdade, uma fonte inesgotável de possibilidades de contato com todo tipo de pessoas. Uma excelente notícia é que a geração Y está, por outro lado, pronta e receptiva para acessar conteúdos e informações religiosas através destas novas tecnologias. A má notícia é que, muitas vezes, não farão isto de outra forma, o que torna nossos métodos ordinários e obsoletos para a comunicação com estas pessoas.

## REFERÊNCIAS

BARRETO. D.; CARDOSO. M.; FOLLIS. R. (Org.). **Crônicas do reino**. São Paulo: Daikoku, 2014.

BARNA GROUP. **How technology is changing millennial faith**. 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/1PwvOqW>>. Acesso em: 07 jun. 2015

BENEDICTO, M. (Ed.). **Declarações da Igreja: aborto, assédio sexual, homossexualismo, clonagem, ecumenismo e outros temas atuais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

CALLIARI, M.; MOTA, A. **Código Y: decifrando a geração que está mudando o país**. São Paulo: Évora, 2012.

GONZÁLEZ. J. L. **Cultura e evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2011.

SMOLA, K. W.; SUTTON, C. D. Generational Differences: revisiting generational work values for the new millenium. **Journal of Organizational Behavior**, v. 23, p.363-382, 2002.

WHITE, E. G. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da educação cristã**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WOLYNEC. E. **Inovação na aprendizagem, quebrando antigos paradigmas**. 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/1o2bxiK>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

# ESTRATÉGIA PARA MISSÃO ATRAVÉS DE ESCOLA DE FUTEBOL

Wellington Nascimento<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Vandeni Kunz<sup>3</sup>

A missão da igreja não é simplesmente conseguir conversões, mas completar o processo da vida cristã fazendo discípulos, conforme apresentado em Mateus 28:18-20. Por isso, precisamos entender que, em contextos diferentes, é necessário utilizar estratégias missionárias diferentes, que aproveitem os recursos que estão à nossa disposição, gerem interesse e ajudem a estabelecer relacionamentos. Uma das estratégias que podem ser relevante para brasileiros é “escola de futebol”. Esse tipo de projeto nos ajuda a desenvolver uma missão integral que irá abranger todo o ser humano.

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de pós-graduação em Missiologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Coordenadora Geral de pós-graduação.

Utilizamos o potencial do futebol como uma estratégia evangelística no distrito de Bananal, pois ficou notória a possibilidade para a missão que o esporte nos proporciona, principalmente no Brasil, mas também pode ser utilizado em contexto intercultural. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar a metodologia utilizada na cidade de Bananal e mostrar a importância do esporte no envolvimento missiológico de forma integral, reconhecendo a relevância da contextualização durante o desenvolvimento do projeto. Pretendemos responder a seguinte questão: Seria possível utilizar o esporte como estratégia de expansão do evangelho? Ao observar o crescimento de grupos na atualidade, é necessário trabalhar ativamente com metodologias diferentes, a fim de alcançar a todos. Por isso, iremos apresentar a relevância pessoal e social de um projeto com o caráter e possibilidade em atingir todas as áreas possíveis do ser humano.

## UMA BOA JOGADA

Bananal é um dos 29 municípios paulistas considerados estâncias turísticas pelo estado de São Paulo, por cumprir determinados pré-requisitos definidos pela Lei estadual. Esse status

garante as localidades uma verba maior por parte do estado para a promoção do turismo regional. Da mesma forma, o município adquire o direito de agregar junto a seu nome o título de “estância turística”, termo pelo qual passa a ser designado tanto pelo expediente municipal oficial quanto pelas referências estaduais. Bananal está localizado no extremo leste do estado de São Paulo, na microrregião de mesmo nome. A população estimada é de 10.220.000 habitantes e a área é de 618,7 km<sup>2</sup>, o que resulta em uma densidade demográfica de 16,02 hab/km<sup>2</sup>.

O Bananal nasceu da povoação fundada por João Barbosa de Camargo e sua mulher Maria Ribeiro de Jesus, que ergueram uma capela dedicada ao Senhor Bom Jesus do Livramento, em sesmaria que lhes foi doada em 1783. O povoado tornou-se “vila” em 1832, e “município” em 1849, sendo comarca desde 1858. A cidade cresceu e se enriqueceu com as fazendas de café, tendo como mão de obra barata os escravos. Com tanta riqueza, o Bananal chegou a avalizar para o império empréstimos feitos em bancos ingleses, chegando, por algum tempo, a possuir uma moeda própria. Com a decadência do café, as fazendas passaram para a pecuária leiteira. Dos tempos anteriores ficaram muitos e valiosos monumentos.

A cidade de Bananal tem como crença fundamental o catolicismo. Mesmo como uma localidade de pequeno porte, ela

possui uma quantidade de igrejas católicas significativa, a saber, seis no total. Nesse contexto nasceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quando olhamos para o histórico da cidade, conseguimos perceber os desafios que a igreja enfrentou no início e enfrenta até hoje para realizar a proclamação do evangelho. Ao nos depararmos com esses desafios, quando chegamos à cidade de Bananal em 2010, começamos um projeto a fim de alcançar pessoas de estilos diferentes, utilizando uma forma totalmente informal em nossa abordagem.

Iniciei meu ministério em Bananal no ano 2010, como pastor do distrito. Um dos grandes desafios que senti logo no início do meu ministério estava relacionado à forma que as igrejas realizavam seus métodos para evangelização. Visto que pensamos em evangelizar o mais rápido possível, nos vem à mente a ideia de que precisamos doutrinar um grupo de pessoas conforme a definição de nossas crenças e nosso modelo eclesiástico. A igreja estava completamente imersa nessa metodologia: dava-se estudo, terminava-se a série e, então, surgiam os batismos no fim do trabalho. Ao entender como a igreja pensava e como realizava suas atividades, comecei a sentir falta de algo que pudesse nos ajudar a alcançar pessoas que, por outro método, não conseguiríamos alcançar, principalmente na classe mais jovem.

Com essa aparente dificuldade surgiu a ideia de iniciarmos uma série de reuniões na quadra poliesportiva da cidade, que está localizada no bairro Vila Bom Jardim. Utilizamos uma sequência de passos de forma simples, mas eficaz para tentar concretizar nosso projeto. Entendo que a dificuldade de apresentar o evangelho nas cidades se intensifica, por isso buscamos utilizar métodos variáveis.

Nas cidades da atualidade, onde há tantos atrativos e divertimentos, o povo não se interessará em simples esforços. Os ministros designados por Deus acharão necessário empregar esforços extraordinários, a fim de atrair a atenção de multidões. E quando tiverem êxito em congregar grande número de pessoas, devem apresentar mensagens tão fora do comum, que o povo seja despertado e advertido. Precisam fazer uso de todos os meios que sejam possíveis, para que a verdade seja proclamada de um modo especial e com clareza. A probante mensagem para este tempo deve ser pregada com tanta clareza e de modo tão positivo, que impressione vivamente os ouvintes e os induza a quererem estudar as Escrituras (WHITE, 2010, p. 40).

Como igreja, temos a responsabilidade e a missão de apresentar um só evangelho para um mundo. Para isso, precisamos entender a importância da aplicação de metodologias que sejam relevantes para os diferentes públicos que receberão a mensagem, uma vez que a própria Bíblia apresenta um Deus que se preocupa com a adaptação. O maior exemplo que temos da atuação da divindade de maneira intencional para com o ser

humano é descrito através da encarnação de Cristo: Ele se sujeitou à adaptabilidade a fim de alcançar o ser humano. Portanto, ao convidar os cristãos para a o desenvolvimento da missão, precisamos ter em mente a real importância dos métodos para que o evangelho possa ser compartilhado de maneira relevante. Ao desenvolver esse projeto, tínhamos o desejo de alcançar os jovens e os adolescentes de nossa comunidade, que não tinham atividades principalmente aos sábados à noite. Foi a partir desse momento que buscamos uma forma de convidá-los a estarem conosco no momento do esporte. Nosso projeto era formar uma escola de futebol que conseguisse atender meninos e meninas dos 10 aos 17 anos. O projeto recebeu o nome de “Boleiros do Reino”; tínhamos o desejo em utilizar o esporte para motivar os adolescentes e os jovens a buscar por uma melhor qualidade de vida, visando o crescimento mental, físico e, daqueles que se interessassem, espiritual. Nossa intenção não era simplesmente torná-los adventistas ou doutriná-los como prosélitos, mas ajudá-los em todas as áreas que surgissem necessidades cotidianas. Por isso, conseguimos perceber que o esporte seria uma possibilidade para que isso pudesse acontecer. No entanto, a ideia de missão sempre esteve presente. Nosso próximo passo foi escolher a equipe para cuidar dos programas que seriam desenvolvidos; nossa equipe precisava se identificar com o esporte e com

os que ali estariam. Realizamos reuniões, troca de ideias em pequenos grupos e um jantar para falar sobre o assunto, para que tudo pudesse ficar bem alinhado.

Identificamos quem era nosso público alvo; a maneira que viviam; a característica de suas famílias; sua classe social; o nível escolar de cada um; suas necessidades etc. Tentamos descobrir algumas de suas necessidades a fim de atendê-los de forma integral. Nossa metodologia foi algo informal. Ela tinha a seguinte ordem: 1) no primeiro momento da reunião, realizávamos um bate-papo com temas variados. Tínhamos um momento onde os jovens que participavam do grupo falavam sobre o que estavam sentindo; 2) logo após essa fase, iniciávamos um bate papo sobre temas bíblicos em uma linguagem informal e dinâmica; 3) depois dessa ocasião, era realizado o momento esportivo por idade. Agíamos assim para conquistar cada vez mais a confiança e a amizade daqueles meninos e meninas, assim como Jesus: “Cristo atraia o coração dos ouvintes a si pela manifestação de seu amor, e depois, pouco a pouco, à medida que podiam suportar, desdobrava perante eles grandes verdades do reino” (WHITE, 2010, p. 484).

Um dos pontos mais importantes do projeto era a transição desses meninos para um novo ritmo de vida. Ao perceberem que estávamos completamente comprometidos com eles e suas necessidades, vários garotos começaram a sentir o desejo de estar

conosco na igreja. Então, os encaminhá-vamos para um novo ciclo que chamávamos de Classe de Orientação Bíblica (COB). Essa classe era realizada de maneira informal, com uma linguagem jovem e atual, junto com o projeto Boleiros do Reino. Fizemos parceria com uma escola de informática que fornecia aulas gratuitas para os meninos e meninas e com a secretaria de esporte da cidade. Os meninos eram responsáveis pela manutenção da quadra poliesportiva e se envolveram também em um projeto que a igreja coordena, chamado “missão calebe”. Os mesmos meninos realizavam trabalhos comunitários como o auxílio para famílias carentes. Dessa forma, suas famílias também eram auxiliadas.

128

Hesselgrave e Rommen (2000) afirmam que contextualizar é tentar comunicar a mensagem, trabalho, palavra e desejo de Deus de forma fiel à sua revelação, de maneira significativa e aplicável nos distintos contextos, seja cultural ou existencial. Ele expõe um desafio à igreja de Cristo: comunicar o evangelho de forma teologicamente fiel e ao mesmo tempo humanamente inteligível e relevante. Por isso, ao pensarmos em evangelização, não existe a possibilidade de evangelizar sem primeiro entender quem estamos evangelizando. Com isso, não estamos dizendo que precisamos reescrever o evangelho; muito pelo contrário, precisamos apresentá-lo de forma clara tanto linguística quanto culturalmente, para que o ouvinte consiga entender o seu verdadeiro significado.

Ao olharmos Mateus 24:14, temos uma referência completamente missiológica: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho de todas as nações. Então, vira o fim”. Pontos importantes do texto: a expressão grega para “e será pregado” tem como raiz *kerygma*, que faz referência a uma proclamação audível e inteligível do evangelho, paralelamente à *martyria*, que se refere a um sentido mais pessoal, como um testemunho de vida. A referência “kerigmática” do texto tem uma ação direta em que o evangelho precisa ser pregado de forma compreensível. A expressão para “mundo” no texto é *oikoumene*, que se trata de mundo habitado. Portanto, a ideia textual não é apenas geográfica, territorial, mas demográfica; ou seja, onde existem pessoas, esse evangelho deve ser pregado de forma inteligível. Por isso a importância de criarmos métodos específicos para grupos específicos, pois o evangelho precisa ser transmitido e entendido de maneira fiel em cada realidade.

Ao analisarmos o ministério de Jesus, conseguimos ver a intencionalidade dele ao apresentar o Reino de Deus, como descrito em Marcos 1:14: “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus”. A missão de Jesus se desenvolve com o objetivo de anunciar o Reino de Deus, a fim de fazer com que o ser humano volte ao plano original.

A revelação de Deus aponta que desde sempre sua intenção era que os seres humanos vivessem num perfeito relacionamento com o criador, que trouxesse honra e glória ao seu nome. Mesmo após o pecado, Deus continua buscando seu objetivo para com os seus filhos através do plano da salvação que começa, se desenvolve e termina no coração de um Deus missionário (DIAS, 2013, p. 8).

130

O Reino de Deus é, sem dúvidas, o centro do ministério de Jesus. Por isso, sua missão se torna tão eficiente. Quando pensamos nas vantagens de desenvolver algum tipo de projeto missionário, podemos dizer que a maior delas está relacionada à possibilidade do desenvolvimento do Reino de Deus como participantes da obra do próprio Jesus, pois a grande comissão que encontramos na Bíblia (Mt 28:18-20; Mc 16:14-18; Lc 24:36-49; Jo 20:19-23; At 1:8) nos convoca a participar do anúncio desse reino. O mandato de Cristo na grande comissão é clímax de seus ensinamentos e, ao mesmo tempo, implica no ministério de seus discípulos, que acabam realizando os interesses divinos em favor dos outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes, nossa maior dificuldade para realizar a missão está na metodologia que usamos, visto que estamos mais preocupados em fazer adventistas do que fazer

discípulos. Apresentar o evangelho apenas a nível comportamental faz com que a religião permaneça em um nível inferior de conhecimento e relacionamento. Por isso, nosso projeto tinha como objetivo fundamental atingir os participantes de forma holística, a fim de formalizar um processo que gerasse outro tanto de conhecimento como de relacionamento cristão. O crescimento, dessa forma, seria em todas as áreas de necessidade.

No início do projeto, tínhamos algo em mente e fomos fieis à ideia inicial. Não nos preocuparíamos com os resultados que, muitas vezes, é a nossa dedicação exclusiva. Como discípulos de Cristo, nossa intenção é de que todos os sigam como nós os seguimos. Não queríamos fazer do projeto um “trampolim” para a vida religiosa, por isso, cada aluno do projeto tinha o direito de permanecer no projeto ou não participar diretamente na igreja adventista. No entanto, durante o desenvolvimento do projeto em cada fase do ano, vários desses meninos e meninas se interessaram pela igreja e tomaram a decisão de seguir a Jesus como seu salvador pessoal. Tivemos nossa primeira celebração de batismo com dois jovens que foram batizados. Na sequência do ano, mais um jovem decidiu ser batizado e, atualmente, eles ajudam outros jovens através de pequenos grupos e projetos desenvolvidos pela igreja local.

A grata satisfação que sentimos hoje é perceber que um Deus bondoso atua através de nós de diversas formas, a fim de salvar seus filhos.

Fazer discípulos não tem nada a ver com ganhar pessoas para uma filosofia ou torná-las pessoas boas, que sorriem sempre. Em vez disso a grande comissão lança uma missão de resgate; todos os seguidores recebem ordens com autoridade total para agir onde quer que estejam. Discipulado envolve salvar pessoas delas mesmas e da condenação eterna, permitindo que o poder transformador de Deus mude de dentro para fora (DIAS, 2013, p. 98).

Por isso, creio que nossa missão é alcançar todos os tipos de pessoas em todos os lugares e, para isso, precisamos utilizar diferentes métodos que estiverem à disposição, a fim de motivar cada discípulo a obedecer a ordem do mestre.

132

## REFERÊNCIA

WHITE, G. E. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

DIAS, E. C. M. **Evangelismo e Testemunho**: a sua autentica missão de apresentar Jesus as pessoas. [s. d.]: [s. n.], 2013.

HESSELGRAVE, D. J.; ROMMEN, E. **Contextualization**: meanings, methods and models. Pasadena: William Carey Library, 2000

# MISSIONÁRIOS PARA O MUNDO: O BRASIL E O ENVIO DE MISSIONÁRIOS

Wendel Lima<sup>1</sup>

Marcelo Dias<sup>2</sup>

Vandeni Kunz<sup>3</sup>

Com o envio de 25 famílias para a missão transcultural em fevereiro de 2015, a Igreja Adventista da América do Sul desperta para seu potencial de contribuição missionária para o campo mundial. Nas palavras do pastor Erton Köhler, presidente da igreja para o subcontinente, “é hora de pagar a dívida com os missionários europeus e estadunidenses que chegaram aqui no fim do século 19” (LIMA, 2015). Com essas palavras, talvez Köhler tenha em mente

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Missiologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>2</sup> Professor do curso de Missiologia na pós-graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

<sup>3</sup> Coordenadora Geral de pós-graduação.

que este seja o momento adequado em virtude do crescimento institucional nos últimos anos. Se em 1902 a denominação organizava sua primeira associação brasileira, em Gaspar Alto (SC), com apenas 860 adventistas (BORBA, 2009, p. 29), atualmente a igreja já conta no país com 1,5 milhão de fiéis (LIMA, 2014) e chegará a 53 sedes administrativas em 2016 (LEMOS, 2015).

Esse artigo mostra que o envio dessas famílias deve ser analisado não como iniciativa isolada, mas como a consolidação de uma nova fase do adventismo brasileiro que se encaixa no desenvolvimento histórico da base missionária do Brasil (ver BORBA, 2009).

Para tanto, esse estudo irá se utilizar da tese de Borba, das entrevistas pessoais com teólogos e líderes da igreja e das estatísticas missionárias cristãs adventistas. Na primeira parte, a intenção é descrever em linhas gerais como se deu o desenvolvimento da base missionária brasileira.

Na sequência, o artigo apresenta indicadores que apontam para o início de uma nova fase do adventismo no Brasil. Por fim, são sugeridas algumas ações que podem ser adotadas pela igreja brasileira para formar uma cultura de recrutamento e envio de missionários globais.

## O BRASIL EM MISSÃO

Borba define “base missionária” como a estrutura mínima que a denominação precisa ter em um país para fazer daquela nação uma plataforma que envie missionários ao exterior. No contexto adventista, essa base seria formada por uma união, um seminário e uma editora, além de funcionários, membros e igrejas organizadas (BORBA, 2009, p. 11). Essa estrutura foi aconselhada por Ellen G. White, cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e seguida por A. G. Daniells, ex-líder mundial dos adventistas e um dos principais articuladores da reorganização da denominação em 1901. Por meio do discurso, da escrita e do exemplo pessoal, Ellen G. White contribuiu como ninguém para ampliar a visão missiológica dos adventistas. Ela mesmo foi missionária na Europa e na Austrália, onde ajudou a estabelecer instituições. A pioneira aconselhou que editoras, escolas e hospitais fossem iniciados em lugares estratégicos no campo missionário, a fim de que cooperassem para a boa reputação da igreja, se fortalecessem, e servissem de base para o envio de missionários (WHITE, 1978). Daniells tinha a ideia de que o evangelho deveria ser pregado de todo lugar para todo lugar. A formação de bases missionárias em países mais ricos era estratégica para ele, pois favoreceria a multiplicação de recursos e

missionários. Esse foi o plano para a Europa, Austrália e África do Sul. Aliás, esse era o plano para o Brasil em relação aos seus vizinhos sul-americanos (BORBA, 2009, p. 24).

Olhando dessa perspectiva, Borba enxerga três fases no adventismo brasileiro do fim do século 19 até o ano de 2009: *formação, consolidação e expansão*. O período de formação foi marcado pela chegada dos primeiros missionários e publicações na Argentina e no Sul do Brasil, na década de 1880. No início, chegaram missionários estadunidenses e europeus, principalmente alemães. A inserção do adventismo se deu por meio das comunidades de imigrantes germânicos e os adventistas se concentraram na Região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul. Contudo, para que a base missionária no Brasil se desenvolvesse, era preciso que a denominação avançasse para o Centro-Oeste, Nordeste e Norte do país a fim de estabelecer instituições estratégicas em estados e cidades emergentes, como São Paulo. Essa transição coube a pessoas de visão missiológica como o pastor F. W. Spies, missionário estadunidense, que presidiu as primeiras uniões brasileiras e a editora. A mudança não ocorreu por mera conveniência geográfica ou financeira, mas por um redirecionamento do foco missionário: sem esquecer as colônias alemãs, a igreja queria alcançar os milhões de nativos de fala portuguesa (BORBA, 2009, p. 24).

Já em 1909, Spies clamava por uma escola de treinamento na região do ABC paulista (BORBA, 2009, p. 24). O clamor dele

.....

fazia sentido porque a editora da igreja (atual Casa Publicadora Brasileira), desde 1907, já havia sido transferida para São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo. O sonho educacional de Spies seria realizado em 1915, quando foi fundado o seminário adventista em um bairro paulistano a 23 km do centro da cidade, atualmente denominado Unasp-SP.

É evidente que esse investimento institucional foi precedido e acompanhado pelo crescimento do número de fiéis. Crescimento que gerou demanda pela implantação da União Brasileira, em 1910. Borba (2009, p. 9) aponta uma grande relevância a esse fator porque as uniões são as instituições mais importantes para a formação de uma base missionária. Elas são sedes regionais que receberam a delegação do escritório mundial da igreja para planejar e investir no avanço da denominação em determinada geografia.

Borba entende que o estabelecimento desse trio institucional — editora, união e seminário, nas duas primeiras décadas do século 20 — define o período formativo da base missionária brasileira. Com esses recursos, ainda que em seu estágio incipiente, a Igreja Adventista poderia ser mais assertiva no seu planejamento missionário, na utilização da mídia impressa e na formação de líderes nativos. Aparentemente, vale destacar que, no período formativo não houve dicotomia entre a institucionalização e o

comprometimento com a missão. Afinal, as primeiras instituições foram fundadas por missionários, isto é, com fins evangelísticos.

Porém, na fase seguinte, nas primeiras décadas do século 20, o foco dos líderes da igreja brasileira não foi preparar missionários para outras nações. O que era compreensível, tendo em vista que um país com extensão continental como o Brasil ainda era, por si só, um imenso campo a ser trabalhado (BORBA, 2009, p. 90). Nesse contexto, a ordenação de José Amador dos Reis como o primeiro pastor adventista brasileiro, em 10 de abril de 1920, foi um passo importante para a missão no país (BORBA, 2009, p. 92).

138

Em 1922, o seminário formaria sua primeira turma com nove alunos, a soma de cinco rapazes e quatro moças. Todos foram contratados pela organização adventista (BORBA, 2009, p. 94). Dois fatores chamam a atenção nesse primeiro grupo: eles estudaram as três línguas mais importantes da época — inglês, francês e alemão; e tinham como lema “rumo ao mar”. É verdade que, para eles, esse “mar” não era “além-mar”, mas o território nacional. Essa compreensão fica clara em um poema escrito por Rodolfo W. Belz, um dos formandos de 1922 (BORBA, 2009, p. 96). A seara brasileira realmente era grande e os ceifeiros eram poucos.

Curiosamente, na década de 1940, as atas da sede sul-americana costumavam trazer a expressão “não estamos vendo luz”.

Era a justificativa apresentada pelos líderes dos campos da Região Norte para reter seus obreiros e não permitir que aceitassem chamados para trabalhar em outras regiões (BORBA, 2009, p. 124). Mesmo com a mão de obra limitada, Evangelina Paula, a primeira brasileira a servir no exterior, foi enviada para a Argentina a fim de trabalhar como auxiliar estenógrafa na sede sul-americana da igreja de 1927 a 1930. Nessa época, João e Lucinda Gnutzmann partiram para cuidar de um colégio adventista em Angola, na África. Gnutzmann foi o primeiro adventista nativo do Brasil a ser enviado como missionário. Ele retornou ao país em março de 1935 (BORBA, 2009, p. 101).

O período de consolidação da base missionária, entendido por Borba como as décadas de 1920 a 1960, foi marcado pelas duas grandes guerras mundiais e a crise financeira de 1929. Por causa dos dois conflitos bélicos, a vinda de missionários alemães para o Brasil foi restringida e a liderança de migrantes germânicos na igreja foi vista com desconfiança pelo governo brasileiro. Isso acelerou a transição da liderança da igreja nacional para a mão dos nativos. Paralelamente, o crescimento numérico da igreja, que em 1959 chegou aos seus 50 mil membros, gerou o surgimento e reconfiguração de vários campos e uniões (BORBA, 2009, p. 147).

Outra nuance desse período foi a nova ênfase no evangelismo público, metodologia desenvolvida pelo pastor Walter

Schubert; o trabalho com as lanchas e os ribeirinhos na Amazônia; o avanço da igreja no centro-oeste brasileiro, inclusive entre os índios carajás; e o início de quatro dos cinco hospitais que temos hoje no Brasil. Porém, para Borda (2009. p. 441), o fato mais importante dessa fase foi a ida de brasileiros, nas décadas de 1950 e 1960, para trabalhar na sede sul-americana no Uruguai. Para Borba, um sinal claro de que o adventismo no Brasil havia se consolidado.

Foi a partir da década de 1970 que começou um movimento intencional de expansão da base missionária brasileira, o que Borda denomina de a “terceira fase”. Em 1970, brasileiros foram eleitos pela primeira vez para compor o quadro de oficiais da sede mundial, o que resultou no envio de vários nativos da área ministerial e de saúde para a África. Nas décadas seguintes, centenas de missionários saíram para contribuir em todos os continentes do mundo, principalmente nos países de língua portuguesa da África e nas igrejas luso-brasileiras da América do Norte.

Nesse período, a igreja brasileira passou a se destacar por seu crescimento numérico e financeiro (BORBA, 2009, p. 439). Somado a isso, a internacionalização da cúpula da igreja foi muito valorizada na gestão de Robert Pierson, presidente da sede mundial de 1966 a 1979. Uma prova disso é que, em 1970,

os pastores Léo Ranzolin e Moysés Nigri foram eleitos para funções na sede mundial: Ranzolin foi nomeado vice-diretor do Ministério Jovem e Nigri, vice-presidente da Igreja Adventista. Em 1980, o pastor Enoch de Oliveira substituiu Moysés Nigri na vice-presidência.

Apesar do aumento da contribuição internacional dos brasileiros nos últimos 40 anos, e de sua representatividade em todos os continentes do globo, a pesquisa de Borba com 82 missionários nativos mostrou que 69% deles serviram em territórios onde a presença adventista já estava instalada (BORBA, 2009, p. 441). Esse comportamento da igreja brasileira está associado a outra constatação de Borba: no que diz respeito ao planejamento global, o Brasil atuou poucas vezes de forma intencional e de acordo com as prioridades da Igreja Adventista mundial (BORBA, 2009, p. 442).

Essa postura parece mudar na última década. Em 2012, quatro famílias brasileiras de missionários foram enviadas para o Oriente Médio (MARIA, 2012), duas já retornaram ao país e as outras duas tiveram seus contratos renovados por mais três anos. Em fevereiro de 2015, em um gesto mais ousado, a igreja enviou mais 25 famílias sul-americanas para regiões desafiadoras. Uma das famílias foi para as Ilhas Falklands, na América do Sul; 17 para o Oriente Médio e Norte da África;

e sete para a Ásia. A iniciativa, intitulada “Missionários para o Mundo”, representa um investimento de US\$ 13 milhões ao longo de cinco anos, para a manutenção dos missionários e de seus projetos. Todo esse esforço em favor da evangelização da Janela 10/40 é uma clara resposta ao apelo da sede mundial para a evangelização de 42 metrópoles que possuem nenhuma ou inexpressiva presença adventista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

142

O levantamento *Christianity in its Global Context, 1970—2020: Society, Religion, and Mission* (2013) mostra dados que devem despertar as igrejas. Dos 400 mil missionários cristãos enviados em 2010, apenas 9% deles foram para os dez países que concentram 73% dos não cristãos (CSGC, 2013, p. 77). Esses números explicam porque somente 19% dos não cristãos possui contato pessoal com cristãos (CSGC, 2013, p. 78).

Porém, o levantamento publicado em 2013 também revelou um novo fluxo das missões mundiais, em que países emergentes começam a se tornar bases de envio. Uma prova disso é que dos 20 países que mais mandaram missionários em 2010, nove estão no chamado Sul Global: Brasil, Coreia do Sul, Índia, África do

Sul, Filipinas, México, China, Colômbia e Nigéria. O destaque vai para o Brasil que aparece em segundo lugar como o país que mais enviou missionários: 34 mil, contra 127 mil dos Estados Unidos, o primeiro colocado (CSGC, 2013, p. 76).

Entrevistado pelo autor desse artigo para a *Revista Adventista*, Borba alegou que enxerga no envio dessas famílias para a Janela 10/40 a inauguração de uma nova (a quarta) fase da base missionária brasileira, porque projeta a igreja do Brasil como uma agência de recrutamento e financiamento de missionários transculturais (LIMA, 2015). Kleyton Feitosa, brasileiro que lidera a igreja no Egito e Sudão, acredita que esse projeto pode mudar o adventismo brasileiro e vê na iniciativa um processo contagiante e sem volta (LIMA, 2015). Para Marcelo Dias, professor de Teologia e diretor do Núcleo de Missões e Crescimento de Igreja (Numci) do Unasp-EC, o envio dessas famílias é um marco da transição do Brasil do papel de nação que recebe para país que envia missionários (LIMA, 2015). Contudo, para que o Brasil e seus vizinhos sul-americanos não interrompam o envio de missionários transculturais, conforme assinalou o pastor Almir Marroni, um dos vice-presidentes da sede sul-americana da igreja (LIMA, 2015b), é preciso investir no futuro. Isso passa por algumas mudanças sugeridas pelas fontes consultadas e entrevistadas pelo autor desse artigo.

A primeira questão tem que ver com a igreja brasileira enxergar o mundo como seu campo missionário. Até aqui, nossos recursos foram muito concentrados para a evangelização do nosso vasto território, o que faz sentido porque existe ainda muito o que fazer. Porém, o fluxo das missões, fatores econômicos e diplomáticos e o mandato bíblico (Mt 28:18-20; Mt 24:14; Ap 14:6-12) indicam que esse é o momento de os brasileiros “se lançarem ao mar”.

A segunda questão tem que ver com o investimento financeiro. Os missionários entrevistados por Borba sugeriram que seja implementado um departamento de missões na sede sul-americana da igreja, a fim de dinamizar os projetos transculturais e dar assistência espiritual aos que estão além-mar (BORBA, 2009, p. 442). Apesar de não haver um ministério específico para as missões, nem previsão para a abertura dessa pasta, o projeto “Missionários para o Mundo” está sendo coordenado de perto pelo pastor Herbert Boger, secretário ministerial associado da sede sul-americana. É ele quem visitará os missionários do projeto uma vez por ano para oferecer suporte geral e assistência espiritual (LIMA, 2015, p. 17).

Os entrevistados por Borba falaram também da necessidade de melhorar o critério no recrutamento e maior suporte no treinamento de missionários brasileiros. Nesse sentido, as

25 famílias parecem ter passado por uma seleção mais consistente e receberam o mesmo treinamento oferecido pela sede mundial ao qual são submetidos todos os missionários adventistas (LIMA, 2015, p. 16).

Ainda no campo de investimento financeiro, Borba acredita que se os líderes nacionais valorizarem a participação do Brasil na missão mundial, destacando o trabalho dos que foram além-mar, a igreja responderá com ofertas mais substanciais para as missões (BORBA, 2009, p. 104). Ellen G. White escreveu que o estímulo ao envolvimento com as missões transculturais fortaleceria a igreja no país emissor, o que ela chama de “influência reflexa” (WHITE, 2008, p. 465, 466). A mesma autora aconselhou que as famílias fizessem economias a fim de que cada lar adventista tivesse dinheiro sobrando para empregar nas missões (WHITE, 2008b, p. 134).

Além do incentivo dos líderes, outro recurso para fomentar o envolvimento nas missões é o uso estratégico da mídia da igreja. Na época dos pioneiros, um veículo importante para isso foi a *Review and Herald*, revista que “transpirava missão” nas primeiras décadas do século 20 (BORBA, 2009, p. 25). Vale lembrar que hoje, além da mídia impressa, a igreja conta com canais na internet, rádio e TV que podem dar visibilidade aos desafios e avanços do campo mundial.

Outro papel da mídia adventista, como formadora de opinião, é colaborar na educação teológica da igreja. Para Jon Dybdahl, um dos maiores missiólogos adventistas, o caminho é educar pastores e membros a ler a Bíblia e os escritos de Ellen G. White com os olhos da missão (LIMA, 2015, p. 19). Essa relação direta entre visão teológica e ímpeto missionário pode ser observada no contexto da assembleia mundial da igreja de 1888, em Mineápolis (EUA). Segundo Borba (2009, p. 20), a compreensão sobre a justificação pela fé e seu relacionamento com as mensagens angélicas foi uma mola propulsora das missões adventistas.

146

O último fator, e não menos importante, que pode colocar o Brasil de forma definitiva no fluxo mundial das missões é o treinamento ministerial. Durante décadas formando pastores distritais para a realidade brasileira, agora os cursos de Teologia são desafiados a adaptar seu currículo, estágios e perfil dos professores para o preparo de missionários globais. Adolfo Suárez, atual reitor do seminário Latino-americano de Teologia, acredita que são necessários ajustes na grade curricular e no programa de estágios; visita de missiólogos para ministrar classes intensivas; facilitação de intercâmbio internacional e a autorização para que os alunos de Teologia façam um segundo curso (LIMA, 2015b). Borba, que atua como diretor do seminário da Faculdade Adventista da

Amazônia, entende que o ensino do inglês, ao longo dos quatro anos de curso, e a organização de missões transculturais de curta duração com os alunos fazem parte desse processo também.<sup>4</sup>

Outra contribuição que os campi podem oferecer é a implantação de uma escola de missões, como uma atividade extracurricular que atenda seminaristas, universitários dos demais cursos da instituição e jovens das igrejas da região. Algo dessa natureza já ocorre no Unasp-EC com o Núcleo de Missões e Crescimento de Igreja (Numci). Essa iniciativa pode ser estratégica para a identificação e treinamento de novos missionários, tendo em vista que, a maioria das pessoas decide ir para o campo missionário antes dos 30 anos de idade e dez anos de profissão (BORBA, 2009, p. 440).

Em suma, esse artigo mostrou que o envio de 25 famílias missionárias sul-americanas a lugares desafiadores em fevereiro de 2015 não é um evento isolado, mas o resultado de um processo histórico de desenvolvimento da base missionária adventista no Brasil. O envio desse grupo pode ser considerado também como a inauguração de uma nova fase do adventismo brasileiro, que projeta o país como uma agência de recrutamento e financiamento de missionários globais. Se a igreja brasileira

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por telefone ao autor do artigo no dia 13 abr. 2015.

aproveitar o “vento favorável” das missões mundiais poderá formar uma cultura missionária. Um caminho que, felizmente, pode não ter volta.

## REFERÊNCIAS

BORBA, W. R. **A base missionária Adventista do Sétimo Dia: sua Formação, consolidação e expansão.** Tese. (Doutorado em Teologia Pastoral). Centro Universitário Adventista de São Paulo. Engenheiro Coelho, 2009.

LEMOS, F. De olho em 2016. **Revista Adventista**, p. 28, junho de 2015.

LIMA, W. T. Embarque imediato. **Revista Adventista**, p. 14-19, junho de 2015.

\_\_\_\_\_. Unasp pode se tornar um celeiro de missionários. **Revista Adventista**. 27 mar. 2015b. Disponível em: <<http://bit.ly/1Qa3XJu>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MARIA, M. Missionários brasileiros enviados para o Oriente Médio são treinados. **Agência Sul-Americana de Notícias**, em 21 mai 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1KUIcvm>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. O perfil do adventista brasileiro. **Revista Adventista**, p. 45, 2014.

WHITE, E. G. **Conselhos Sobre Escola Sabatina.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Evangelismo.** Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. **Obreiros Evangélicos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

CSGC. **Christianity in its Global Context, 1970–2020: society, religion, and mission.** South Hamilton: Gordon-Conwell Theological Seminary, 2013.





Conheça nossa loja virtual.

<http://unaspstore.com.br>